



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

Adriana do Nascimento Santos

**MODOS DE CONSTITUIÇÃO ÉTICA DO SUJEITO: UM OLHAR PARA OS  
ARQUIVOS DA AGRICULTURA ARCAICA E CONTEMPORÂNEA**

Porto Alegre

2024

Adriana do Nascimento Santos

**MODOS DE CONSTITUIÇÃO ÉTICA DO SUJEITO: UM OLHAR PARA OS  
ARQUIVOS DA AGRICULTURA ARCAICA E CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Educação em Ciências.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suelen Assunção Santos

Porto Alegre

2024

## CIP - Catalogação na Publicação

do Nascimento Santos, Adriana  
Modos de Constituição Ética do Sujeito: um olhar  
para os arquivos da agricultura arcaica e  
contemporânea / Adriana do Nascimento Santos. -- 2024.  
182 f.  
Orientador: Suelen Assunção Santos.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da  
Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação em  
Ciências: Química da Vida e Saúde, Porto Alegre,  
BR-RS, 2024.

1. Agroecologia. 2. Ética do cuidado de si. 3.  
Ética. 4. Arquivo. 5. Michel Foucault . I. Assunção  
Santos, Suelen, orient. II. Título.

## Folha de Aprovação

Às experiências que me constituem.

## Agradecimentos

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelas oportunidades de ensino, pesquisa e extensão. E por ser meu sonho.

À Suelen Assunção Santos, minha orientadora, que tanto admiro. Obrigada pelo olhar cuidadoso com que vê meus escritos, e que sempre me encorajou a seguir. Por ter me oportunizado viver essa experiência, que um dia, mesmo com medo, ousei sonhar.

A André Avelino dos Santos, meu pai amado. À Teresinha Aparecida do Nascimento Santos, minha mãe amada. Às minhas irmãs, Andreza, Andreia e Luiza. À Henrique. Meus amores. Obrigada por terem percorrido essa trajetória comigo, demonstrando assim, a seus modos, o amor que têm para comigo. Amo vocês, para sempre!

Às minhas primas queridas, Lidiane, Carla, Thais e Patricia, que por intermédio de suas conquistas produzem fissuras e dão novos fios ao tecido que constitui nossa história, e me permitem fazer o mesmo, e seguir. Obrigada!

À Bianca Maciel. Obrigada pelas tantas vezes que me lembrou das palavras ditas por mim mesma que só mostravam o quanto esse lugar era importante para mim. Obrigada por me lembrar da importância da coragem de falar.

Ao GEEMCO – Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade – por ter me apresentado um novo sentido ao estudar.

À Cláudia Glavam Duarte, por me permitir contemplar suas aulas, seu modo de ser professora e pesquisadora. Eles me mudaram a minha vida.

À Jaqueline Mallmam Hass, minha professora querida, muitas vezes lembrada durante a escrita dessa dissertação, por sua sensibilidade e força.

A todos os professores e professoras que fizeram parte dessa jornada e das jornadas anteriores.

Aos amigos e amigas, que amo e admiro.

À Escola Estadual de Ensino Médio Patrulhense, por me permitir iniciar minha trajetória na docência enquanto uma professora que pesquisa e escreve sobre o que lhe atravessa.

Aos meus alunos e alunas, que sonharam seus sonhos ao me ouvirem falar sobre o meu. Obrigada!

À Jullia Trevisan, por me permitir dizer, através da arte, o que me faltam palavras para descrever.

Àqueles e àqueles que me ouviram falar sobre essa escrita.

Obrigada!

“Não tenho argumentos racionais para querer tanto navegar [escrever], além de: é o único meio de transporte que nos permite dar a volta ao mundo em solitário sem parar em lugar algum. É uma loucura sem a qual eu não poderia alçar voos maiores. É a loucura mais sensata na qual eu poderia embarcar. Loucura maior seria deixá-la passar.”

Tamara Klink - Mil Milhas, 2021



As pinturas apresentadas nesta dissertação foram  
elaboradas para sua composição.

Obras de Jullia Trevisan (2024).

## Resumo

Esta dissertação, elaborada junto ao programa de pós-graduação em educação em ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGECi/UFRGS), percorre o tema da agroecologia – sob a face de agricultura contemporânea – e da ética, perante a problemática de pesquisa que interroga: De que modos a ética é reatualizada nos discursos da agricultura contemporânea? Manuseando um referencial teórico-metodológico que tem Michel Foucault como maior inspiração, enveredamos pelo Arquivo, noção que traz como sentido o modo de se portar perante os documentos que marcam as possibilidades do dizer, mantendo com a realidade infinitas relações (Farge, 2017). Não havendo em nossa experiência outros modos de se entender o método que de mesma intensidade nos possibilite pensar a prática de pesquisar enquanto potencialidade, esta dissertação forma-se perante escolhas que são realizadas até o findar de seu labor, e que carregam tais entendimentos. O corpus do campo empírico que dá forma a pesquisa é elaborado pelas dissertações de mestrado de Bruna Karpinski (2020) e de Guilherme Duarte Figueiredo de Souza (2021), e pelos escritos de Francisco Roberto Caporal, José Antônio Costabeber e Gervásio Paulus (2009). Operou-se com o conceito de ética do cuidado de si, este que marca os últimos estudos de Foucault e que pode ser descrito como as artes da existência. (Foucault, 2017). Ao percorrer o arquivo constituinte da pesquisa sob a ótica do cuidado de si – dado o anseio da problemática de pesquisa de entender de que modos a ética é reatualizada nos discursos da agricultura contemporânea – alguns entendimentos nos foram possíveis. Percebe-se que a ética na agricultura contemporânea perpassa práticas de dimensões sociais, do sujeito para com os outros – realizadas visando o bem-estar da sociedade e das gerações futuras da sociedade. Entretanto, algumas escapam à preocupação com o outro, existem do sujeito para consigo mesmo, por seu prazer, por sua contemplação. Destacamos, porém, que ambas obedecem aos imperativos do que se entende por agroecologia, e em todas as práticas descritas há um distanciamento em relação ao que denuncia, ao que considera errado, ou seja, ao agronegócio e suas lógicas.

Palavras-chave: Agroecologia; Arquivo; Ética do Cuidado de Si; Pós-Estruturalismo.

## **Abstract**

This dissertation, prepared in conjunction with the postgraduate program in Science Education at the Federal University of Rio Grande do Sul (PPGECi/UFRGS), courses the theme of agroecology – from the perspective of contemporary agriculture – and ethics, in the face of the research problem that questions: In which ways ethics is updated again in contemporary agriculture discourses? Taking as theoretical-methodological references that has Michel Foucault as greatest inspiration, we go through Archive, notion that means the ways of acting before the documents that mark the possibilities of saying, maintaining infinite relations with reality (Farge, 2017). Since there are no other ways of understanding the method in our experience that allow us to think about the practice of research as a potentiality with the same intensity, this thesis is formed by choices that are made until the end of the work, and that carry such understandings. The corpus of the empirical field that shapes the research is elaborated by the master's theses of Bruna Karpinski (2020) and Guilherme Duarte Figueiredo de Souza (2021), and by the writings of Francisco Roberto Caporal, José Antônio Costabeber and Gervásio Paulus (2009). We operated with the concept of ethics of the care of the self, which marks Foucault's last studies, and which can be described as the arts of existence (Foucault, 2017). When going through the archive that constitutes the research from the perspective of the care of the self – given the desire of the research problem to understand how ethics is updated in the discourses of contemporary agriculture – some understandings were possible for us. Ethics in contemporary agriculture permeates practices of social dimensions, from the individual to others – carried out with the well-being of society and future generations of society in mind. However, some do not concern themselves with others, but exist from the individual to himself, for his pleasure, for his contemplation. We emphasize, however, that both obey the imperatives of what is understood as agroecology, and in all the practices described there is a distance in relation to what is denounced, what is considered wrong, that is, agribusiness and its logic.

**Keywords:** Agroecology; Archive; Self-Care Ethics; Post-Structuralism.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO ZERO – O QUE ANTECEDE A ESCRITA DA PESQUISA – VÁRIOS QUE CONSTITUEM UM .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO UM – ESCRIT(A)RQUIVO: UM OLHAR PARA O ARQUIVO DA AGRICULTURA ARCAICA (SEC. I e II a.C.) PARA DIZER SOBRE A AGRICULTURA CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO DOIS – ESCRITOS SOBRE AGROECOLOGIA E ÉTICA: ENCONTROS, SENTIDOS E ATRAVESSAMENTOS MEDIANTE O ARQUIVO .....</b>	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO TRÊS – AS COISAS QUE ACONTECEM NA CONFLUÊNCIA DE ENCONTROS – ÉTICA DA EXISTÊNCIA E AGRICULTURA CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>87</b>
<b>Caderno de Aproximações: Encontros propostos entre o arquivo da Agricultura Contemporânea e da Ética do Cuidado de Si.....</b>	<b>101</b>
Espaços de liberdade dentre as relações de poder.....	120
A finalidade do cuidado na agricultura contemporânea: o meio ambiente. ....	122
Condições para se ser um sujeito ético na agricultura contemporânea. ....	128





Handwritten signature or initials in white paint.

## CAPÍTULO ZERO – O QUE ANTECEDE A ESCRITA DA PESQUISA – VÁRIOS QUE CONSTITUEM UM

Esta escrita – sob a forma de um ensaio – apresenta o que antecede esta pesquisa. Os encontros anteriores que nos constituem, e que ao serem ditos, possibilitam, talvez, uma compreensão mais próxima do que se pretendeu dizer com tal estudo.

*Escrevo com tinta de longe e angústias de bem perto.*

*(José Saramago, 1996, p. II7).*

Este estudo pertence ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de pesquisa que recebe o nome de “*Implicações das Práticas Científicas na Constituição dos Sujeitos e de Currículos*”. Os pesquisadores e as pesquisadoras que se dedicam a esta linha de pesquisa percorrem referenciais teóricos e metodológicos que põem em relação as verdades factuais das ciências e as subjetividades dos sujeitos e dos currículos. Além disso, buscam, mediante as potencialidades de tais referenciais, e de acordo com a singularidade do seu olhar enquanto pesquisador/pesquisadora, dizer sobre as problemáticas de pesquisa as quais se dedicam.

Este estudo também faz parte do GEEMCo. GEEMCo – para o mundo, para quem se depara com a sigla – significa: Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade. Para mim, **GEEMCo**, significa potencialidade. Significa subversão. Subversão de ideias prontas, de marcas que constituem minha experiência. Meu encontro com os escritos de um referencial teórico-metodológico Pós-Estruturalista e Foucaultiano subverteu a minha experiência enquanto sujeito.

Concernente à escrita dessa pesquisa, compreendemos que escrever implica em fazer escolhas. Es(colher). Escolhe-se para se chegar a um fim, para se colher. Escolhas que por vezes se revelam difíceis de serem feitas. Escolhas que levam tempo para serem feitas.

Dizer “Agricultura” pode significar dizer sobre muitas coisas.

Na atualidade brasileira e internacional, o capital no campo se constitui em agronegócio, termo que eficazmente expressa sua síntese: “agricultura é negócio” e que, mais recentemente no Brasil, vem ampla e insistentemente divulgando sua máxima ideológica no slogan: “agro é pop; agro é tech; agro é tudo”! (TARDIN, 2021, p. 30).

Referente à “cultura” que forma a “Agricultura”, Tardin (2021) apresenta:

Pode-se problematizar o termo “cultura” em uma perspectiva ampliada do seu conteúdo: a expressão das múltiplas exteriorizações e objetivações da práxis humana nas suas relações na e com a natureza – as relações sociais em geral, a produção, a circulação, a distribuição, o consumo, as regras, normas, o Direito, o Estado, as ideologias, as teorias, as ciências, a filosofia, as cosmovisões, a ética, a moral, os costumes, as tradições, as crenças, as religiões, a estética, as artes, a arquitetura, a culinária, ou seja, produção e reprodução social. (TARDIN, 2021, p. 31).

Ao longo dessa pesquisa, ao dizermos “*Agricultura Contemporânea*”, estaremos nos referindo à Agroecologia,

# Agroecologia

modo de se entender a agricultura onde há espaço para o saber, para as relações de poder de sentidos múltiplos. Questionamo-nos assim, num movimento decorrente, sobre as relações de poder que circunscrevem a lógica do agronegócio. Escrevemos, assim, sobre os modos como a ética é reatualizada nos discursos da agricultura contemporânea – perante o arquivo – para contribuir para a defesa da agroecologia, não para seu desmantelamento ou desqualificação. A perspectiva apresentada sobre o arquivo que dela fala nesta pesquisa pretende contribuir para seu desenvolvimento e não ao contrário.

Assim, importa colocar que dizer “Ética” pode significar dizer sobre muitas coisas.

No *Dicionário de Filosofia*, de Abbagnano (2007):

ÉTICA. Em geral, ciência da conduta. Existem duas concepções fundamentais dessa ciência: 1- a que a considera como ciência do /zm para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos meios para atingir tal fim, deduzindo tanto o fim quanto os meios da natureza do homem; 2- a que a considera como a ciência do móvel da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta. Essas duas concepções, que se entremesclaram de várias maneiras na Antigüidade e no mundo moderno, são profundamente diferentes e falam duas línguas diversas. A primeira fala a língua do ideal para o qual o homem se dirige por sua natureza e, por conseguinte, da "natureza", "essência" ou "substância" do homem. Já a segunda fala dos "motivos" ou "causas" da conduta humana, ou das "forças" que a determinam, pretendendo ater-se ao conhecimento dos fatos. A confusão entre ambos os pontos de vista heterogêneos foi possibilitada pelo fato de que ambas costumam apresentar-se com definições aparentemente idênticas do bem. Mas a análise da noção de bem logo mostra a ambigüidade que ela oculta, já que bem pode significar ou o que é (pelo fato de que é) ou o que é objeto de desejo, de aspiração, etc, e estes dois significados correspondem exatamente às duas concepções de É. acima distintas. (ABBAGNANO, 2007, p. 391).

Em *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, de André Lalande (1993):

ÉTICA. Ciência que tem por objeto o juízo de apreciação, enquanto este se aplica à distinção entre o bem e o mal. H. SPENCER entende da mesma maneira a Ética como um fragmento de um todo de que ela é inseparável e que é o estudo da conduta universal. Daí resulta que no uso vulgar esta palavra seja utilizada tanto num sentido como noutra e o mais das vezes com o mesmo sentido vago que a palavra moral. [...] Parece que há aqui três conceitos distintos a separar: 1. A Moral, quer dizer, o conjunto das prescrições admitidas numa época e numa sociedade determinadas, o



esforço para conformar-se a essas prescrições, a exortação a segui-las. 2. A ciência de fato que tem por objeto a conduta dos homens (ou mesmo, segundo SPENCER, dos seres vivos em geral), abstração feita dos juízos de apreciação que dirigem os homens nessa conduta. Propomos chamá-la Etografia ou Etologia. 3. A ciência que toma por objeto imediato os juízos de apreciação sobre os atos qualificados como bons ou maus. É o que propomos chamar Ética. (LALANDE, 1993, p. 367-368).

Em *Vocabulário de Foucault*, Edgardo Castro (2009) coloca:

O termo ética refere-se a todo esse domínio da constituição de si mesmo como sujeito moral. Uma história desses quatro elementos mencionados "poderia chamar-se uma história da 'ética e da 'ascética' entendida como história das formas de subjetivação moral e das práticas de si que estão destinadas a assegurá-la". (CASTRO, 2009, p. 152).

Mediante a confluência dos encontros com os estudos de Michel Foucault, que se deram, principalmente, em minhas experiências junto ao GEEMCo, esta pesquisa responderá a seus anseios perante “*A Hermenêutica do Sujeito*” de Foucault, e o modo como manuseia os escritos que sobre a ética abordam.

As obras que ilustram esta dissertação de mestrado são pinturas acrílicas sobre tela de algodão, elaboradas para sua composição, sob autoria de Jullia Trevisan (2024). Tais telas foram digitalizadas para que se fosse possível a disposição das mesmas ao longo do texto, contribuindo para o dizer perante as possibilidades singulares que a arte nos apresenta à interpretação.

Por fim, importa dizer que esta pesquisa carrega as palavras de uma também professora. **Esta escrita foi feita entre aulas.** Isso não é pertinente às discussões teóricas propostas adiante, mas se faz pertinente para entender sobre o que vem antes num pesquisar, pois esses encontros são o que inspiram possibilidades de escrita.

Enquanto estava na graduação, ouvia meus professores e professoras falarem sobre suas histórias, sobre as trajetórias que percorreram nos seus mestrados, nos seus doutorados. Sempre imaginava se um dia eu também passaria por isso, se me seria possível viver isso. Num período que durou dois anos e meio, vivi a minha trajetória no mestrado, assim como os meus professores e professoras, que um dia foram professores e professoras da educação básica e prescreveram suas trajetórias na pós-graduação, o fiz. Fui professora da educação básica e pública durante esses dois anos e meio de mestrado, a entrevista para o mesmo foi feita dentro de uma sala de aula da escola. E assim, sigo, sendo professora.



## CAPÍTULO UM – ESCRIT(A)RQUIVO: UM OLHAR PARA O ARQUIVO DA AGRICULTURA ARCAICA (SEC. I e II a.C.) PARA DIZER SOBRE A AGRICULTURA CONTEMPORÂNEA

Esta **Escrit(A)rquivo** apresenta fragmentos que demonstram os atravessamentos com a dissertação de mestrado intitulada “*Modos de Constituição Ética do Sujeito: Um olhar para o Arquivo da Agricultura Arcaica e Contemporânea*”. Esta dissertação encontra-se em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPgECi), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de pesquisa que recebe o nome de *Implicações das Práticas Científicas na Constituição Dos Sujeitos e de Currículos*. Os pesquisadores e as pesquisadoras que se dedicam a esta linha de pesquisa percorrem referenciais teóricos e metodológicos que põem em relação as verdades factuais das ciências e as subjetividades dos sujeitos e dos currículos. Além disso, buscam, mediante as potencialidades de tais referenciais, e de acordo com a singularidade do seu olhar enquanto pesquisador/pesquisadora, dizer sobre as problemáticas de pesquisa as quais de dedicam.

A problemática de pesquisa da dissertação de mestrado em questão busca entender sob quais formas a Ética do Cuidado de Si é reatualizada nos discursos da Agricultura Contemporânea. Para dar movimento ao manuseio dos referenciais teóricos e metodológicos que constituirão a nossa pesquisa, nesta escrit(A)rquivo investigamos inicialmente a constituição do sujeito no/do campo na sua relação com a Agri Cvltvra do período arcaico (séc. I e II a.C.), que direcionou o olhar para os discursos da agricultura arcaica a partir das obras: *De Agricultura*, de Marco Pórcio Catão, e *A Hermenêutica do Sujeito*, de Michel Foucault, buscando elementos que dissessem sobre os modos como se constituem os sujeitos no/do campo durante esse período histórico. Nos interessa o arcaico da agricultura, para melhor entender o presente, a sua contemporaneidade.

### Arquivo

A pesquisa partiu da noção de Arquivo para dizer sobre seu campo empírico, de modo que se entende por Arquivo – mediante um olhar atravessado pelas teorizações da perspectiva pós-estruturalista e da perspectiva de Michel Foucault – o “[...] conjunto de documentos que perduram épocas distintas e que, por intermédio do discurso, delimitam as estruturas do dizer e da verdade no corte histórico em que está inserido” (SANTOS, 2020, p. 30).

Aquino & Do Val (2018) colocam que a busca pelos documentos que marcaram outras épocas que não a nossa caracteriza o início do manuseio do Arquivo, de modo que mediante tais documentos – constituintes do Arquivo da pesquisa que se elabora – torna-se possível a análise do discurso, o que – ainda segundo Aquino & Do Val (2018) – se dá a partir da noção de acontecimentalização.

O primeiro sentido de acontecimentalizar é fazer surgir uma singularidade onde se imaginava existir uma constância histórica. Para isso importa reencontrar as conexões, jogos de força, bloqueios, que num dado momento formaram o que se tornará uma universalidade, uma necessidade, construindo uma “multiplicação causal”, que consiste numa análise do acontecimento segundo os processos múltiplos que os constituem. (FOUCAULT, 2003, p. 339).

Assim, a análise de múltiplos e heterogêneos documentos é o que possibilita ao pesquisador conhecer as discontinuidades e regularidades que constituíram de maneira naturalizada o recorte histórico analisado. “Trata-se, enfim, de flagrar a arbitrariedade das certezas em voga, sempre tendo em mente que o ‘arquivo não diz a verdade, mas ele diz da verdade’ (FARGE, 2009, p. 35).”.

O trabalho arquivístico, nessas bases, implica uma investida arqueológica sob um olhar genealógico, capaz de abrigar “os lugares de confronto a partir dos quais o nosso presente foi urdido” (LEME, 2011, p. 99 apud AQUINO, 2018, p. 7).

Tais movimentos realizados sob o Arquivo são compreendidos por Aquino & Do Val (2018) como uma suspensão temporal, de modo que “[...] apenas por meio de certa suspensão temporal torna-se viável conjecturar as sombras e os contornos que a intensidade luminosa do presente se esforça para obstaculizar.” (AQUINO & DO VAL, 2018, p. 9).

Um único arquivo, podendo ser interpretado por diversos e diferentes pesquisadores, poderão dar a entender “várias configurações.” (AQUINO & DO VAL, 2018, p. 7). Nesse sentido, a escolha das obras constituintes do Arquivo da pesquisa sobre a qual se discorre, e o manuseio das mesmas, deram-se tendo em vista o objetivo específico, decorrente da seguinte interrogativa: “De que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a AGRICULTURA do período arcaico (séc. I e II a.C.)” (SANTOS, 2020, p. 16).

## Tecnologias do Eu

Dada a problemática inicial e necessária da pesquisa, fizeram-se outras escolhas teóricas e de método, sendo uma delas a de adotar o conceito de Tecnologias do Eu como conceito principal do referencial teórico da pesquisa, por compreender-se a potencialidade

existente entre as discussões que Foucault faz no que se refere às Tecnologias do Eu e as problematizações propostas por essa pesquisa acerca dos discursos que atravessam o Arquivo constituinte do campo empírico delimitado.

Entendem-se como Tecnologias do Eu – nos estudos de Larrosa (1994) a partir da obra de Foucault (1984) – as práticas exercidas pelo sujeito, de si para consigo mesmo, a fim de constituir a sua subjetividade. Precisamente,

[...] estudar a constituição do sujeito como objeto para si mesmo: a formação de procedimentos pelos quais o sujeito é induzido a observar-se a si mesmo, analisar-se, decifrar-se, reconhecer-se como um domínio de saber possível. Trata-se, em suma, da história da "subjetividade", se entendemos essa palavra como o modo no qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade no qual está em relação consigo mesmo. (FOUCAULT, 1984, pp. 297-298 apud LARROSA, 1994, p.18).

Larrosa (1994) discorre ainda que a constituição do sujeito se dá na medida em que são transmitidas e aprendidas experiências de si, mediante as práticas pedagógicas específicas de cada cultura. Dito de outra forma, os modos de experiência de si constituem repertórios dentro da cultura, de modo que os integrantes desta se formam sujeitos mediante tais modalidades apresentadas. Assim, as práticas pedagógicas possuem dispositivos característicos, que atuam na formação de seus membros como sujeitos.

A experiência de si, em suma, pode ser analisada em sua constituição histórica, em sua singularidade e em sua contingência, a partir de uma arqueologia das problematizações e de uma pedagogia das práticas de si. E o que aparece agora como ‘peculiar’, como histórico e contingente, não são já apenas as ideias e os comportamentos, mas o ser mesmo do sujeito, a ontologia mesma do eu ou da pessoa humana na qual nos reconhecemos no que somos. (LARROSA, 1994, p. 8).

Tais compreensões acerca da constituição histórica dos sujeitos – como esboça o excerto acima – eram tidas também por Foucault, de modo que seus estudos foram movidos, por um longo período, pelo anseio de compreender os modos como as relações de saber-poder das redes discursivas implicam na constituição ética do sujeito por intermédio da moral de suas condutas, o que era descrito por ele

[...] na medida em que se trata de analisar as relações entre modos de verificação, técnicas de governamentalidade e formas de prática de si, a apresentação de pesquisas assim como uma tentativa para reduzir o saber ao poder, para fazer do saber a máscara do poder, em estruturas onde o sujeito não tem lugar, não pode ser mais que **pura e simples caricatura**<sup>1</sup>. Trata-se, ao contrário, da análise das relações complexas entre três elementos distintos, que não se reduzem uns aos outros, que

---

<sup>1</sup> Grifo das autoras.

não se absorvem uns aos outros, mas cujas relações são constitutivas umas das outras. Esses três elementos são: os saberes, estudados na especificidade da sua veridicção; as relações de poder, estudadas não como uma emanção de um poder substancial e invasivo, mas nos procedimentos pelos quais a conduta dos homens é governada; e enfim os modos de constituição do sujeito através das práticas de si. É realizando esse tríplice deslocamento teórico - do tema do conhecimento para o tema da veridicção, do tema da dominação para o tema da governamentalidade, do tema do indivíduo para o tema das práticas de si - que se pode, assim me parece, estudar as relações entre verdade, poder e sujeito, sem nunca reduzi-las umas às outras (FOUCAULT, 2011, p. 10).

Dessa forma, numa proposta de encontro entre a subjetividade e a caricatura, tal como a citação acima faz pensar, outra escolha metodológica realizada para a pesquisa foi a de utilizar pinturas criadas especificamente para compô-la – recorrendo, assim, às formas singulares de expressão da arte – com a intenção de proporcionar a cada leitor e leitora uma experiência de interpretação e imaginação única e singular – em relação ao encontro proposto entre a subjetividade e a caricatura – de modo que tal experiência não pode ser dada, nem transferida, apenas sentida mediante a escrita e a imagem, estas que se relacionam e se complementam.

### Subjetividade e caricatura

Cada uma das etapas da pesquisa foi antecedida pela pintura que lhe impulsionava, fazendo menção aos elementos percorridos ao longo do texto – o que foi mantido na apresentação dessa escrita, tendo em vista que a pesquisa em questão se deu a partir do encontro entre a escrita e a arte, e a não apresentação de uma delas implicaria na impossibilidade de se ter acesso aos movimentos que marcaram a singularidade da pesquisa, pois é impossível determinar os limites – início, meio e fim – que alcançam cada uma das expressões – escrita e artística.

No encontro das palavras escolhidas para descrever os elementos constituintes do texto que se queria representar com a imaginação da artista – Trevisan (2020) – elaboraram-se as pinturas que são apresentadas ao longo das seções da pesquisa. Suas mãos, e sua singularidade enquanto artista, potencializaram os elementos que antes limitavam-se às possibilidades de dizer das palavras através da arte.

Nesse sentido, a pesquisa teve sua etapa de apresentação a partir da pintura “*O Agriculor*”, obra de maior expressão da pesquisa, que também antecedeu a seção: *A problematização Defronte ao Arquivo: Interpretações acerca da Constituição do Sujeito no/do campo que se relaciona com a AGRICULTURA* – no qual discorreram-se as análises do

Arquivo – conforme figura 1. A pintura em questão – “*O Agricultor*” – é a expressão de um camponês arcaico entre escritos, que traz como principal elemento, o chapéu de palha.

**Figura 1** – Capa e principal pintura da pesquisa, “*O Agricultor*”



**Fonte:** SANTOS (2021).

O aporte teórico metodológico delineado para a pesquisa – sobre o qual se discorreu até então – implicou diretamente nos objetivos delineados, de modo que a partir dele e do problema de pesquisa buscou-se analisar como se constituem as Tecnologias do Eu, mediante a relação dos sujeitos com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.), de modo a elucidar os discursos e mecanismos operantes nesse processo. Além disso, a partir desse olhar, buscou-se o aprofundamento necessário para o desenvolvimento de pesquisas futuras, dedicadas a observar a constituição das Tecnologias do Eu, em cenários e períodos históricos diversos da agricultura – incluindo os diferentes modos de agricultura que compõem a contemporaneidade – contribuindo, dessa forma, para os estudos dessa temática sob um olhar pós-estruturalista (SANTOS, 2020).

Dada essa apresentação – a seguir, ao longo da escrita apresentam-se mais detalhadamente as escolhas metodológicas e os caminhos teóricos percorridos, com vistas à sua problematização fundamental, que buscava entender: “De que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a AGRICULTURA do período arcaico (séc. I e II a.C.)?” (SANTOS, 2020, p. 16).

\*

Delineada a problemática inicial, bem como os objetivos desta, buscou-se conhecer as pesquisas que – a partir de suas singularidades – já realizaram aproximações entre os temas centrais da pesquisa, sendo eles: agricultura e constituição dos sujeitos. Assim, na etapa intitulada: *Revisão de Literatura: Ditos sobre a Agricultura e a constituição do Sujeito*, apresentou-se a revisão de literatura, tendo como fonte o Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LUME) e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), nas áreas das ciências humanas e das ciências agrárias.



**Revisão de Literatura: ditos sobre agricultura e a constituição dos sujeitos**

*Dissertações e Trabalhos de Conclusão de Curso que abordam sobre os temas aos quais a pesquisa se dedicou.*

OBRA DE REPRESENTAÇÃO

*Escritos no/do Campo.*

Obra de Jullia Trevisan (2020).

Para essa escrita, considerou-se importante destacar duas pesquisas que compõem a revisão de literatura em questão, pois elas apresentam indícios daquilo que se descreve como agricultura. A primeira é o TCC de Athina Louise Schmitt (2015), intitulado: *Agricultura Ecológica para quem (m)?: Estudo de representações sociais sobre a natureza entre agricultores de base ecológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul*. Na pesquisa, a autora busca compreender quais representações sociais são destinadas a natureza, entre os



agricultores de base ecológica na comunidade do Vale do Taquari, e se elas estão associadas às motivações de se executar uma produção agroalimentar ecológica.

Em sua análise, a autora descreve que há entre os sujeitos da pesquisa uma preocupação em comum com a saúde, referente às contaminações por agrotóxicos, ao valor nutricional do alimento orgânico, e, “[...] também, o despertar de uma sensibilidade coletiva em relação à alimentação saudável, uma questão de *natureza ética e social*<sup>2</sup>” (SCHMITT, 2015, p. 62). Além disso, se valoriza o cuidado com a natureza, visando à harmonia dos ecossistemas e, conseqüentemente, a qualidade de vida para as gerações futuras.

Percebeu-se uma estreita relação entre a opção pela produção ecológica e valores: além da confiabilidade na origem do alimento, palavras como consciência, *ética*<sup>3</sup> e responsabilidade foram muitas vezes citadas, indicando que produzir sustentável vai muito além de questões técnicas e econômicas. (SCHMITT, 2015, p. 72).

Outra pesquisa que compõe a revisão de literatura e que ao percorrer o tema da Agroecologia nos apresenta elementos potentes para pensarmos, é o TCC de Sheila Peirot Paz (2017), intitulado: *Neo-Rurais Agroecológicos e Desenvolvimento Rural Sustentável em Santo Antônio da Patrulha/RS*. Ao longo da escrita de Paz (2017) percebe-se que há o emprego da palavra: ética, no referencial teórico adotado pela autora, uma vez que se vale dos estudos de Caporal (2009), autor que compreende a Agroecologia como uma ciência que busca, por meio da sua abordagem holística, integrar os saberes tradicionais e os saberes científicos, valorizar as crenças e respeitar as relações dos sujeitos com a natureza, a fim de se entender os sistemas complexos dos ecossistemas “[...] o que denota uma atitude mais humanista e ética nas estratégias e práticas de desenvolvimento rural.” (PAZ, 2017, p. 24).

Paz (2017) afirma também que o movimento Neo-Rural – cenário ao qual a pesquisa volta seu olhar – visa o contato com a natureza e oferece uma tranquilidade não encontrada nas grandes cidades, e concorda com Carneiro (1998, p. 57), quando diz que

Novos valores sustentam a procura da proximidade com a natureza e com a vida no campo. A sociedade fundada na aceleração do ritmo da industrialização passa a ser questionada pela degradação das condições de vida dos grandes centros. **O contato com a natureza**<sup>4</sup> é, então, realçado por um sistema de valores alternativos, neo-ruralista e antiprodutivista. O ar puro, a simplicidade e a natureza são vistos como **elementos “purificados” do corpo e do espírito**<sup>5</sup> poluídos pela sociedade industrial. (CARNEIRO, 1998, p. 57 apud PAZ, 2017, p. 41-42).

---

<sup>2</sup> Grifo das autoras.

<sup>3</sup> Grifo das autoras.

<sup>4</sup> Grifo das autoras.

<sup>5</sup> Grifo das autoras.

Destacam-se da revisão de literatura em questão, as pesquisas de Athina Louise Schmitt (2015) e de Sheila Peirot Paz (2017), pois elas esboçam em seus escritos indícios dos “princípios” da agricultura.

Após percorridas as discussões e os escritos existentes sobre os temas centrais da pesquisa no capítulo dedicado à revisão de literatura, antes de colocar as problematizações da pesquisa defronte ao Arquivo da agricultura arcaica e da constituição dos sujeitos constituinte da pesquisa, a partir da perspectiva pós-estruturalista e da perspectiva filosófica de Michel Foucault, realizou-se um aprofundamento teórico – na etapa que ganhou o seguinte nome: *Entre Arquivos: Diálogos Teóricos sobre Sujeito, Discurso e Subjetivação* – com o intuito de explicitar quais os sentidos associados aos conceitos tidos como referência para a pesquisa.



**Entre Arquivos: diálogos teóricos sobre sujeito, discurso e subjetivação**

*Embasamento teórico a partir do Arquivo que subsidia o olhar posto sobre o problema de pesquisa investigado.*

**OBRA DE REPRESENTAÇÃO**

*Possibilidades de pensamento dentre o Arquivo.*

Obra de Jullia Trevisan (2020).

O conceito principal sobre o qual a pesquisa operou é o de Tecnologias do Eu, entretanto, anteriormente, é importante situarmos os sentidos associados à noção de sujeito para Michel Foucault, uma das principais noções que permeiam a perspectiva pós-estruturalista, pois, buscar compreender as relações entre a agricultura e a constituição dos sujeitos, não tem outra finalidade que não uma compreensão do próprio sujeito. Assim,

O sujeito é concebido por Foucault não enquanto uma substância, antes uma forma, porém essa forma deve ser pensada enquanto uma variável, um contorno flutuante, sempre remodelado a partir das forças que entram em jogo com as linhas dessa forma-Homem. (MIRANDA, 2014, p. 20).

Segundo Miranda (2014, p. 20) ao abdicar da ideia iluminista de que o sujeito é dado pré-existente, Foucault se dedica a compreensão dos jogos, dos mecanismos, das tensões, e

das regras que alicerçam a produção de verdades. Tais regras existem mediante aos discursos e aos dispositivos, de modo que as verdades são institucionalizadas ou desinstitucionalizadas por meio destes.

Nesse sentido, Santos (2009) elucida que

Tornar-se sujeito significa, portanto, ser produzido ou fabricado por redes discursivas, por jogos de verdade. Tornar-se sujeito de determinadas ideias e ideais significa ser fabricado em meio a relações de poder, ser seduzido sutilmente. (p. 27).

Santos (2009) sustenta também que realidade e sujeito são produzidos mediante às redes discursivas, a partir dos jogos de linguagem que possibilitam os pensamentos. Tais jogos de linguagem, de acordo com Santos (2009) a partir dos estudos de Veiga-Neto (2007), são moldados e modificados social/cultural/linguisticamente.

Se eu falo ou escrevo sobre o sujeito, é porque existe um discurso anterior a ele que me possibilita identificá-lo; um discurso pelo qual fui interpelada, sendo posicionada em sua ordem, o que me possibilitou posicionar outros sujeitos também em relação à sua ordem. (SANTOS, 2009, p. 26).

As pesquisas e escritos de Michel Foucault são caracterizados pelo modo como este direcionava seu olhar em direção à história, no intuito de pensar o sujeito, produzido mediante aos jogos do discurso. Dessa forma, Gallo (1995) afirma que a maneira coerente de se conhecer os saberes constituintes de uma época específica – a partir das compreensões de Foucault – se dá por intermédio da busca da *epistêmê*, esta que tem seu delinear intrinsecamente na ordem do saber. (SANTOS, 2020).

Epistêmê não é sinônimo de saber; significa a existência necessária de uma ordem, de um princípio de ordenação histórica dos saberes anterior à ordenação do discurso estabelecida pelos critérios de cientificidade e dela independente. A epistêmê é a ordem específica do saber; é a configuração, a disposição que o saber assume em determinada época e que lhe confere uma positividade enquanto saber. (MACHADO, 1982, p. 148-149 apud GALLO, 1995, p.14).

De acordo com Gallo (1995), Foucault buscava compreender em suas pesquisas a formação do saber de uma determinada época, a partir do panorama de condições que a tornaram possível, ou seja, “[...] o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, [...] as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico.” (FOUCAULT, 1985, p. 11-12 apud GALLO, 1995, p.15). Esse olhar sensível em direção aos elementos constituintes de um cenário, buscando perceber suas articulações e os indícios do saber de uma época, caracteriza o estudo arqueológico de Foucault. Assim, para se

[...] empreender uma análise arqueológica do próprio saber, (...) é preciso reconstituir o sistema geral de pensamento, cuja rede, em sua positividade, torna possível um jogo de opiniões simultâneas e aparentemente contraditórias. É essa rede que define as condições de possibilidades de um debate ou de um problema, ela é portadora da historicidade do saber. (FOUCAULT, 1985. p. 90 apud GALLO, 1995, p. 17).

Nesse sentido, Mariguela (1995) afirma que os regimes de validação e os fundamentos que constituem as verdades são passíveis de visualização por intermédio da análise interna dos discursos. Foi percorrendo espaços como o da loucura, das prisões, da sexualidade, entre outros, e expondo “[...] os solos discursivos onde as verdades são instituídas” (MARIGUELA, 1995, p. 104), que Foucault desenvolveu seu exercício filosófico, no que se refere às estratégias metodológicas que compuseram os discursos.

Almeida (1995) apresenta que o manuseio de Foucault em relação aos elementos constitutivos da historicidade do saber, bem como a sua maneira de se posicionar diante deles, tem forte inspiração em Nietzsche, no que se refere à maneira de pensar e exercer a genealogia, a partir do entendimento de que

[...] interpretar é apoderar-se por violência, ou sub-repção de um sistema de regras que não tem em si significação essencial, e impor-lhes uma direção, dobrá-lo a uma nova vontade, fazê-lo entrar em um outro jogo e submetê-lo a novas regras, então o devir da humanidade é uma série de interpretações. (FOUCAULT, 1984 apud ALMEIDA, 1995, p. 72).

Almeida (1995) afirma também que Foucault e Nietzsche partem do pressuposto de que as palavras são produzidas e impostas ao sujeito mediante a forças que se relacionam. Desse modo – trabalhando diante da violência das palavras, dos seus sentidos e imposições – a genealogia assume a forma de “um constante apropriar-se de interpretações que, por sua vez, já se apropriaram uma das outras” (ALMEIDA, 1995, p. 72).

Se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que ele aprende? Que atrás das coisas há “algo inteiramente diferente”: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas. (...) O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate. (FOUCAULT, 1984, 17-18 apud ALMEIDA, 1995, p. 73).

De modo a apresentar as compreensões referentes às Tecnologias do Eu – tidas como principal conceito na pesquisa – ainda na etapa dedicado ao referencial teórico, criou-se uma seção no texto – denominada pelo subtítulo: *Tecnologias do Eu – Uma Lente Teórica Como Aporte Metodológico* – para que em seguida se pudesse pensar sobre os métodos mais potentes para se operar sobre o Arquivo que compõe o campo empírico da pesquisa.

Partimos das compreensões de Larrosa (1994), que defende que ao longo das obras de Foucault temos acesso à compreensão deste sobre o conjunto de práticas que culminam na produção do sujeito, mediante relações de saber e poder. Dessa forma, inspirado nos escritos do filósofo, Larrosa (1994, p. 16) diz que:

[...] no momento em que se objetivam certos aspectos do humano que se torna possível a manipulação técnica e institucionalizada dos indivíduos. E, inversamente, é no momento em que se desdobra sobre o social um conjunto de práticas institucionalizadas de manipulação dos indivíduos que se torna possível sua objetivação ‘científica’.

Nesse sentido, Larrosa (1994) discorre sobre as peças constituintes da experiência de si. Segundo o autor, tais peças dão origem ao “sujeito individual” que mediatizado por práticas e discursos pedagógicos/terapêuticos – com características normativas que orientam à “maturidade”, ao “equilíbrio”, a “autoidentidade”, entre outros, – desenvolve sua consciência. (SANTOS, 2020, p. 38).

Na obra de Michel Foucault: *A história da Sexualidade*, especificamente no segundo e no terceiro volume, de acordo com Larrosa (1994), questões como a hermenêutica do eu, a experiência de si, a relação entre o que é proibido e a verdade, entre outras, são problematizadas por Foucault, a fim de se analisar a constituição da relação da pessoa consigo mesma a partir de modalidades distintas.

O sujeito pedagógico ou, se quisermos, a produção pedagógica do sujeito. Já não é analisada apenas do ponto de vista da “objetivação”, mas também e fundamentalmente do ponto de vista da “subjetivação”. Isto é, do ponto de vista de como as práticas pedagógicas constituem e medeiam certas relações determinadas da pessoa consigo mesma. Aqui os sujeitos não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos falantes; não como objetos examinados, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmos que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles devem contribuir ativamente para produzir. (LARROSA, 1994, p. 18).

Larrosa (1994) aponta dois deslocamentos nas compreensões de Foucault sobre as práticas da experiência de si. O primeiro é um deslocamento pragmático e o segundo historicista. O deslocamento pragmático se refere, especificamente, às práticas de subjetivação, ou seja, às práticas pelas quais subjetividades são produzidas e moldam o ser do sujeito.

Na perspectiva de Foucault, a experiência de si se constitui quando um determinado domínio material é focalizado como objeto de atenção. Ou, dito de outro modo, quando determinados estados ou atos do sujeito são tomados como o objeto de alguma consideração prática ou cognoscitiva. Foucault chama isso de “problematização”. Entretanto, um domínio material pode ser objeto de diferentes

formas de problematização. E, historicamente considerado, um domínio material é tomado como objeto de atenção apenas no interior de alguma modalidade de problematização específica. Desse ponto de vista, as formas de problematização são as que estabelecem como um domínio material está cognoscitivamente e praticamente considerado e, portanto, as que estabelecem a especificidade da experiência de si. (LARROSA, 1994, p. 19).

O segundo deslocamento, este da ordem da historicidade, relaciona-se ao olhar genealógico de Foucault sobre as práticas de subjetivação que atravessam e modificam o sujeito. Nessa perspectiva, Larrosa (1994) explicita que Foucault se dedicava à percepção das condições práticas e históricas que possibilitam a constituição do sujeito, como resultado das formas de subjetivação que têm como fundamento a experiência de si mesmo. De acordo com o autor, “[...] é a história das problematizações que constituem as condições de possibilidade, a história dos discursos orientados a articulá-la teoricamente e a história das práticas orientadas para fazer coisas com ela.” (LARROSA, 1994, p. 19).

Desse modo, “[...] o deslocamento, nos últimos trabalhos de Foucault, em direção à "interioridade" do sujeito [...]" (LARROSA, 1994, p. 20) nos revela que a partir da história das tecnologias que condicionam a experiência de si, pode-se ter acesso a história do eu como sujeito, e da autoconsciência. Além disso, tais tecnologias “[...] não podem ser analisadas sem relação com um domínio de saberes e com um conjunto de práticas normativas.”. (LARROSA, 1994, p. 20).

A experiência de si seria, então, a correlação, em um corte espaço-temporal concreto, entre domínios de saber, tipos de normatividade e formas de subjetivação. E é uma correlação desse tipo que se pode encontrar, também, em um corte espaço-temporal particular, na estrutura e no funcionamento de um dispositivo pedagógico. (LARROSA, 1994, p. 20).

Dado esse embasamento teórico, a partir de múltiplas obras que discorrem sobre os conceitos de sujeito, discurso e subjetividade – todas numa perspectiva pós-estruturalista – destaca-se a vasta abrangência dos estudos de Foucault acerca da constituição do sujeito, no interior dos discursos que o atravessam. Além disso, mediante tais compreensões teóricas, fizeram-se escolhas acerca do método que se seguiria na pesquisa.

Intitulou-se: *Entrecruzar de Possibilidades: uma inspiração arqueogenealógica para pensar o Arquivo*, a etapa da pesquisa dedicada a apresentar o método escolhido para lidar com seus anseios. Assim, “[...] é no que chamei de entrecruzar de possibilidades que o que quer ser dito encontra os métodos que possibilitam o dizer, em outras palavras, o método de pesquisa é o encontro do anseio da problematização com a ruptura.” (SANTOS, 2020, p. 41).

**Entrecruzar de Possibilidades: uma inspiração  
arqueogenealógica para pensar o Arquivo**

*Escolhas Metodológicas para se pensar o problema de  
pesquisa delineado.*



***Principais obras constituintes do Arquivo***

- *A Hermenêutica do Sujeito de Michel Foucault*
- *Da Agricultura de Marco Pórcio Catão.*

***Ferramenta Analítica***

- *Tecnologias do Eu.*

**OBRA DE REPRESENTAÇÃO**

*Foucault entre Arquivos.*

Obra de Jullia Trevisan (2020).

Como dito na apresentação desse capítulo, olhou-se para as obras que compõem o campo empírico da pesquisa como Arquivos, “[...] como um conjunto que continua a funcionar, a se transformar através da história, possibilitando o surgimento de outros discursos.”. (FOUCAULT, 2008b, p. 145 apud AQUINO & DO VAL, 2018, p. 6).

Ao invés de vermos alinharem-se, no grande livro mítico da história, palavras que traduzem, em caracteres visíveis, pensamentos constituídos antes e em outro lugar, temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de arquivo. (FOUCAULT, 2008, p. 146).

Ainda acerca do Arquivo, Foucault (2008) coloca: “É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados.” (p. 148). Assim, dada essa compreensão, Aquino (2018) afirma que o manuseio e a análise do Arquivo que compõe uma pesquisa nessa perspectiva exigem um olhar arqueogenealógico em direção à história, e aos discursos que a delineiam.

Pode-se dizer que a análise dos discursos implica na descrição dos textos, na busca pelas condições práticas que possibilitaram sua existência e seu desdobramento, e, por fim, na “[...] análise propriamente do arquivo, de modo que se possa operar uma história das práticas discursivas a partir das relações específicas articuladas a outras práticas” (AQUINO, 2018, p. 7). (SANTOS, 2020, p. 44)

A busca por compreender o modo como se constitui o sujeito que se relaciona com a AGRICULTURA do período arcaico – considerado como os séculos I e II a.C –, surge no decorrer da leitura da obra de Michel Foucault: *A Hermenêutica do Sujeito*.

No referido arquivo, Foucault analisa historicamente as relações entre subjetividade e verdade, por intermédio das práticas associadas aos preceitos de *Epiméleia Heautoû* (Cuidado de si mesmo) e *Gnôthi Seautón* (Conhece-te de ti mesmo), atualmente difundidas na cultura ocidental. Dentre as distintas práticas de si que visavam ligar o sujeito às verdades relatadas por Foucault na antiguidade, emergem preceitos vinculados à agricultura e ao meio ambiente. O estilo de vida de um agricultor da época sofria influência direta de modelos, e Foucault aponta um deles como sendo o descrito no arquivo “*Da Agricultura*” de Marco Pórcio Catão. (SANTOS, 2020, p. 30)

Ou seja, a problemática principal desse estudo é resultado de um olhar posto sobre a relação estabelecida por Michel Foucault na obra: *A Hermenêutica do Sujeito*, quando menciona a obra: *De Agricultura*, de Marco Pórcio Catão. Além disso, escolheu-se utilizar ao longo de todo o trabalho as palavras latinas “*Agri Cvltvra*”, para referir-se à agricultura arcaica, como forma de destacar os traços característicos da cultura e da história de que advém a obra de Marco Pórcio Catão.

Matheus Trevisam (2016) apresenta a versão traduzida da obra: *De Agricultura*, de Marco Pórcio Catão, para a língua portuguesa, afirmando a originalidade de tal escrito. “Um aspecto de grande importância para a correta apreciação do legado autoral de Catão [...] diz respeito a entender o conjunto de sua obra [...] como algo vinculado ao ‘ineditismo’ nas Letras latinas.” (CATÃO, 2016, p. 26), de modo que “Catão foi o primeiro [romano] a preparar tais livros com vistas à circulação, a seu uso por um ‘público’”. (ASTIN, 1978, p. 182 apud. CATÃO, 2016, p. 26).

Dada a escolha de utilizar como ferramenta analítica a compreensão de Tecnologias do Eu, a partir de tal lente teórica que se olhou para os excertos, para as prescrições e para a maneira como o sujeito é produzido no interior de tais discursos.

Em: *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault elucida que seu olhar está direcionado para as práticas realizadas do sujeito para consigo mesmo, ou seja, as práticas de si, pois, [...] dentre as tecnologias do eu que o Ocidente conheceu, esta certamente é uma das mais importantes.” (FOUCAULT, 2006, p. 187). E cita uma carta de Marco Aurélio à Frontão, na qual são descritas as práticas do cuidado de si exercidas pelo jovem Marco Aurélio.

Estamos passando bem. Dormi pouco por causa de uma pequena agitação que, entretanto, parece ter-se acalmado. Assim, das onze horas da noite até as três da manhã, passei parte do tempo lendo a *Agricultura* de Catão e parte também



escrevendo; menos que ontem, felizmente. Depois, cumprimentei meu pai, engoli água adocicada até a goela e a lancei fora em seguida, de modo que mais adocei a garganta do que realmente gargarejei; pois, sob a autoridade de Novius e outros, posso empregar a palavra 'gargarejei'. Tendo restaurado a garganta, dirigi-me para junto de meu pai. Assisti a sua oferenda e depois fomos comer. Com o que pensas que fiz meu desjejum? Com um pouco de pão, enquanto via os outros devorando ostras, cebolas e sardinhas bem gordas. Depois, fomos colher uvas; suamos bastante, gritamos bastante [...]. (FOUCAULT, 2006, p. 143).

A partir do excerto da carta de Marco Aurélio endereçada à Frontão – citado por Foucault em: *A Hermenêutica do Sujeito* – que se discorreram as análises da pesquisa em questão, na etapa intitulada: *A Problematização Defronte ao Arquivo: Interpretações Acerca da Constituição do Sujeito no/do Campo que se Relaciona com a Agri Cvltvra*.



**A problematização Defronte ao Arquivo:  
interpretações acerca da constituição do sujeito  
no/do campo que se relaciona com a agri cvltvra**

*Análise do Arquivo, mediante a problematização da pesquisa, que buscou entender de que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a AGRICULTURA do período arcaico (séc. I e II a.C.).*

**OBRA DE REPRESENTAÇÃO**

*O Agricultor.*

Obra de Jullia Trevisan (2020).

Inicialmente, destaca-se o fato de que uma das práticas exercidas por Marco Aurélio é a leitura da obra: *De agricultura*, de Marco Pórcio Catão, esta cuja escrita originalmente teria sido feita em torno de 160 a.C “[...] com vistas a servir como um manual de uso prático para o povo de Roma [...]” (SANTOS, 2020, p. 65) Um olhar para a “[...] estrutura em larga escala do *De agri cultura* revela ao leitor que se trata [...] de um manual para uso prático de efetivos cultivadores.” (CATÃO, 2016, p. 34). Além disso, Foucault (2006) detalha que as demais práticas mencionadas por Marco Aurélio ao discorrer sobre o seu dia, endereçando-se à Frontão, são características da vida de um agricultor, tendo como referência o modelo de agricultor descrito por Marco Pórcio Catão no *De agricultura*.

[...] a vida agrícola, uma espécie de estágio na vida agrícola, constituía, não exatamente um descanso, mas um momento de se posicionar na existência a fim de ter, precisamente, uma espécie de referência na vida de todos os dias, referência político-ética<sup>6</sup>. Com efeito, nesta vida camponesa, se está mais próximo das necessidades elementares e fundamentais da existência; mais próximo também daquela vida arcaica, antiga, dos séculos passados, que nos deve servir de modelo. Nesta vida tem-se ainda a possibilidade de praticar uma espécie de **otium cultivado**<sup>7</sup>. Isto significa [igualmente] que são feitos **exercícios físicos**<sup>8</sup>: vemos que ele pratica a vindima; a **vindima, aliás, lhe permite suar e gritar bastante**<sup>9</sup>, exercícios que fazem parte do regime. Ele leva pois esta vida de otium, que tem elementos físicos e que lhe **deixa tempo suficiente para também ler e escrever**<sup>10</sup>. Portanto, se quisermos, o estágio camponês é uma espécie de reativação do velho modelo de Xenofonte ou do velho modelo de Catão: modelo social, ético e político, agora retomado, mas a título de exercício. Uma espécie de **retiro**<sup>11</sup> feito com os outros, mas para si mesmo e para melhor se formar, para progredir neste trabalho feito sobre si, para atingir a si mesmo. (FOUCAULT, 2006, p. 145-146).

De acordo com Foucault (2006), tais práticas de si para consigo mesmo – ótium; exercícios físicos; suar; gritar; ler; escrever; conforme destacado no excerto acima – são realizadas por Marco Aurélio mesmo que sua vida pressupunha a posição de Imperador, não de agricultor. Ao longo do *De agricultura*, compreende-se que os valores morais que fundamentavam as compreensões da vida camponesa nesse modelo, e que eram expressos nos escritos de Catão, têm forte inspiração na restrita cultura *mos maiorum*. Destacam-se dois excertos de Catão na referida obra, escritos sob a forma de princípios, que elucidam as relações e valores morais associados às posições de imperador e de agricultor em tal período, que dizem: “[...] um homem bom a quem elogiavam, elogiavam assim: ‘um bom agricultor e um bom fazendeiro’. Julgava-se que quem era elogiado assim era enormemente elogiado.” (CATÃO, 2016, p. 49), e que

[...] dentre os que se dedicam à agricultura, saem homens do maior vigor e soldados da maior coragem; daí se obtém o ganho mais justo, seguro e menos invejado, e minimamente insidiosos são os que se ocupam deste labor. (CATÃO, 2016, p. 49).

Dito isto,

[...] o legado catoniano nos vincula a algumas das mais tradicionais matrizes de pensamento dos antigos romanos: referimo-nos, com isso, ao chamado *mos maiorum* e aos notórios elos do escritor aqui focalizado com o mesmo ideário pátrio latino. Na verdade, correspondendo a velha sociedade de Roma antiga a um grupo humano em geral refratário a excessivas inovações em todos os âmbitos do pensamento e das

---

<sup>6</sup> Grifo das autoras.

<sup>7</sup> Grifo das autoras.

<sup>8</sup> Grifo das autoras.

<sup>9</sup> Grifo das autoras.

<sup>10</sup> Grifo das autoras.

<sup>11</sup> Grifo das autoras.

atitudes, seus integrantes permaneceram, por séculos, bastante aferrados a um conjunto de preceitos e ‘normas’ de conduta caracteristicamente associáveis aos costumes dos antigos, ou ancestrais (*maiorum populi Romani*). (CATÃO, 2016, p. 13).

Por isso, considerou-se que nesse momento estabeleceu-se o encontro de maior expressão entre a AGRI CVLTVRA e o cuidado de si, a partir do Arquivo que constituiu o material empírico da pesquisa – a partir das obras: *A hermenêutica do sujeito*, de Foucault e o *Da agricultura*, de Catão – na medida em que se buscou compreender de que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a AGRI CVLTVRA do período arcaico (séc. I e II a.C.), pois, de acordo com Larrosa (1994), dado o seu caráter de não neutralidade,

Um dispositivo pedagógico será, então, qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo. Por exemplo, uma prática pedagógica de educação moral, uma assembleia em um colégio, uma sessão de um grupo de terapia, o que ocorre em um confessionário, em um grupo político, ou em uma comunidade religiosa, sempre que esteja orientado à constituição ou à transformação da maneira pela qual as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas. Tomar os dispositivos pedagógicos como constitutivos da subjetividade é adotar um ponto de vista pragmático sobre a experiência de si. Reconhecer a contingência e historicidade desses mesmos dispositivos é adotar um ponto de vista genealógico. (LARROSA, 1994, p. 20).

Direcionamo-nos para o final desta escrita, destacando – a partir das considerações finais da pesquisa – que no decorrer do trabalho, discurso e imagem nos remeteram à história da agricultura arcaica e à constituição dos sujeitos.



### **Considerações Finais**

*Capítulo em que são dispostas as impressões, as inquietações e rupturas provenientes da pesquisa, bem como as problematizações geradas que são compreendidas como capazes de novos olhares, novas escritas e pensamentos.*

**OBRA DE REPRESENTAÇÃO**

*A AGRI CVLTVRA entre os arquivos.*

Obra de Jullia Trevisan (2020).

As práticas (*àskesis*) do cuidado de si, exercidas no campo e no contanto com a natureza constituem fundamentalmente essa Tecnologia do Eu pela qual o sujeito reconhece e muda a si mesmo. Considerou-se esse um dos primeiros ecos que marcam a busca por compreender de que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.) “[...] pois a investida arqueogenológica de Foucault sobre os arquivos revela que o cuidado de si é uma das mais expressivas Tecnologias do Eu que perpassaram a cultura ocidental.” (SANTOS, 2020, p. 65).

Além disso, a partir da carta de Marco Aurélio à Frontão podemos observar que as práticas de si e para si que buscavam na vida agrícola uma referência ético-político, inspiravam-se nas compreensões de Marco Pórcio Catão, este que seguia ainda os valores morais da cultura *mos maiorum*, na qual se associava a honra e virtude aos que dedicavam à agricultura, acima de qualquer outra função na sociedade.

Mediante o olhar posto sobre o Arquivo da pesquisa em questão – como capazes de delimitar as estruturas do dizer e da verdade de sua epistêmê, por intermédio do discurso – e dentre outras interpretações possíveis, compreendeu-se que a constituição do sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.) se dá no decorrer dos atravessamentos da subjetividade do sujeito pelas Tecnologias do Eu, a partir das práticas (*àskesis*) que se transcorrem no campo, visando o cuidado de si. (SANTOS, 2020).

Toma-se, dessa maneira, essa escrit(A)rquivo como disparador à dissertação de mestrado em questão. Dissertação essa que toma como anseio entender sob quais formas a Ética do Cuidado de Si é reatualizada nos discursos da Agricultura Contemporânea. Assim, Para além desse primeiro movimento, seguimos buscando por outras palavras, outros ditos, outros atravessamentos – no sentido de encontros que apresentam possibilidades de pensamento não compreendidas anteriormente – que também a constituirão.



## **CAPÍTULO DOIS – ESCRITOS SOBRE AGROECOLOGIA E ÉTICA: ENCONTROS, SENTIDOS E ATRAVESSAMENTOS MEDIANTE O ARQUIVO**

Escarafunchar os arquivos, suas fulgurações, seus acidentes, seus pontos de virada: eis a gana de Foucault. Apenas um gesto, por meio do qual se faz possível concentrar-se em “pequenos fatos verdadeiros contra as grandes ideias vagas; a poeira desafiando a nuvem” (Foucault, 2006a, p. 324). (AQUINO & DO VAL, 2018, p. 8).

O excerto acima demonstra a beleza do manuseio de Foucault com as palavras, com os discursos. Trazemos tal excerto logo no início dessa escrita, pois a ele retornamos todas as vezes que nos dedicamos a pensar sobre a escolha de se tomar como inspiração o olhar de Foucault sobre o Arquivo. Aquino & Do Val (2018) descrevem a profundidade desse olhar posto sob o Arquivo – a partir das próprias palavras de Foucault – da seguinte maneira:

[...] a sistematização textual, em sua própria enunciabilidade, define o arquivo. Tal sistema de enunciados não é a soma de todos os textos, mas aquilo que faz com que tantas coisas ditas tenham surgido não apenas a reboque das leis do pensamento ou do jogo das circunstâncias. Antes, elas perduram graças a todo um jogo de relações e de regularidades específicas que caracterizam particularmente o nível discursivo. “O ‘arquivo’ aparece, então, como uma espécie de grande prática dos discursos, prática que tem suas regras, suas condições, seu funcionamento” (FOUCAULT, 2014a, p. 52 apud. AQUINO & DO VAL, 2018, p. 6).

A problematização primeira dessa dissertação de mestrado – que se direciona no sentido de entender sob quais formas a ética é reatualizada nos discursos da agricultura contemporânea – exige que façamos um movimento inaugural, dedicado a compreender que Ética é esboçada nas pesquisas acadêmicas existentes que discorrem sobre Agroecologia, a qual temos nessa pesquisa como agricultura contemporânea. Este capítulo – parte constituinte do Arquivo da dissertação que se elabora – é dedicado à revisão de literatura da pesquisa, na medida em que – incomodadas por tais perguntas, tais anseios – nos debruçamos sobre as pesquisas acadêmicas publicadas no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LUME) que discorrem sobre o tema da Agroecologia, direcionando um olhar sensível, especialmente, às formas e perspectivas que são atribuídas à Ética ao longo de tais escritos.

**As** escolhas dos documentos e escritos aos quais nos deteremos se deu mediante o que chamamos de “*Movimentos de Itenização*”, ou seja, os movimentos dos quais resultam em escolhas e conseguinte, a própria itenização da revisão de literatura. Compreendendo a importância dessas descrições, aqui apresentamos os *Movimentos de Itenização* que compõe a elaboração desse capítulo.

Considerando o grandioso número de pesquisas que compõem o LUME – bem como a multiplicidade destas –, como filtro de busca no repositório, delimitou-se que se buscaria pelas dissertações de mestrado e pelas teses de doutorado que percorrem, especificamente, os temas: Agroecologia e Ética; e que tenham sido publicadas no período dos anos de 2000 a 2022, tendo em vista que as pesquisas elaboradas em tal período podem apresentar questões da atualidade ainda vividas e que podem despertar movimentos na pesquisa.

Dentro dos limites do filtro de busca, encontraram-se 573 pesquisas, sendo 287 dissertações de mestrado e 286 teses de doutorado apresentadas à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre os anos de 2000 e 2022. Esta primeira busca realizada no LUME também demonstrou que uma das singularidades que caracterizam as pesquisas – em especial aquelas que percorrem o tema da Agroecologia – é que estas propõem discussões acerca do tema no interior de diversos Programas de Pós-Graduação da UFRGS, que se dedicam à diferentes áreas do conhecimento, como: Educação em Ciências, Desenvolvimento Rural, Direito, Psicologia, Geociências, Ciências Econômicas, entre outros, produzindo múltiplos sentidos e problematizações sob as quais se pode pensar sobre Agroecologia. Assim, a busca inicial no LUME apresentou pesquisas que abordam sobre os temas da Agroecologia e da Ética, sob a ótica de múltiplas abordagens teóricas e de método em seus escritos.

Tendo em vista que nesse momento direcionamos nosso olhar aos encontros propostos entre a Agroecologia e a Ética nas pesquisas já existentes, e aos sentidos associados em tais encontros, decidiu-se que a escolha das pesquisas de dissertação de mestrado e de tese de doutorado que constituiriam o campo empírico desta revisão de literatura não teria como critério de seleção as áreas de conhecimento às quais se dedicam e os Programas de Pós-Graduação aos quais pertencem.

A escolha especificamente das pesquisas que constituiriam o campo empírico desta revisão de literatura foi antecedida, em uma primeira etapa, por cinco seleções, realizadas sob as 573 pesquisas encontradas a partir do filtro de busca delimitado inicialmente. Na primeira seleção, classificamos as pesquisas que apresentam em seus títulos a palavra “Agroecologia”. De acordo com esse critério obteve-se 22 pesquisas como resultado. A segunda seleção buscou – também dentre as 573 pesquisas encontradas inicialmente – as pesquisas que apresentam em seus títulos a palavra “Ética”. Obteve-se como resultado da busca um total de três pesquisas. Assim, na primeira e na segunda seleção resultaram 25 pesquisas ao total. A partir destas, realizaram-se a terceira, a quarta e a quinta seleção. A terceira seleção buscou, então, dentre essas 25 pesquisas classificadas na primeira e na segunda seleção, aquelas que apresentavam ambas as palavras “Agroecologia” e “Ética”, em seus títulos. Como resultado, encontrou-se zero pesquisas dado o critério da seleção em questão. A quarta seleção caracterizou-se por buscar no corpo do texto das pesquisas classificadas na segunda seleção, a ocorrência da palavra “Agroecologia”. A quarta seleção demonstrou que zero das pesquisas que citam a Ética em seus títulos abordam a Agroecologia no corpo do texto. A quinta seleção realizou-se sob as pesquisas classificadas na primeira seleção, objetivando destacar aquelas que apresentam a ocorrência da palavra “Ética”, ao longo de seus escritos no corpo do texto. Encontraram-se 13 pesquisas seguindo o critério estabelecido nesta quinta e última seleção.

O quadro 1, abaixo, apresenta a disposição dos resultados numéricos obtidos em cada uma das etapas de seleção das pesquisas que constituiriam o campo empírico desta revisão de literatura, de acordo com as propostas delimitadas para ela.



**Quadro 1: Resultados numéricos obtidos em cada etapa de seleção das pesquisas**

<b>Etapas</b>	<b>Critérios de escolha</b>	<b>Resultados</b>
<b>Buscas no LUME</b>	Dissertações de mestrado e teses de doutorado que percorrem, especificamente, os temas: Agroecologia e Ética, publicadas no período dos anos de 2000 a 2022.	573 pesquisas
<b>Seleção 1</b>	Pesquisas que apresentam em seus títulos a palavra “Agroecologia”.	22 pesquisas
<b>Seleção 2</b>	Pesquisas que apresentam em seus títulos a palavra “Ética”.	3 pesquisas
<b>Seleção 3</b>	Pesquisas que apresentam ambas as palavras “Agroecologia” e “Ética” em seus títulos.	0 pesquisa
<b>Seleção 4</b>	Pesquisas classificadas na seleção 2, que apresentam a palavra “Agroecologia” ao longo de seus escritos no corpo do texto.	0 pesquisa
<b>Seleção 5</b>	Pesquisas classificadas na seleção 1, que apresentam a palavra “Ética” ao longo de seus escritos no corpo do texto.	13 pesquisas

A seguir, no quadro 2, apresenta-se a relação dos títulos e dos endereços eletrônicos das pesquisas classificadas em cada uma das seleções, mediante aos filtros de busca aplicados e os critérios estabelecidos para cada uma das seleções realizadas, conforme descrito anteriormente.

**Quadro 2: Relação dos títulos e dos endereços eletrônicos das pesquisas classificadas na primeira etapa de escolha do campo empírico da revisão de literatura**

**Buscas no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LUME)**

**Filtros de Busca Aplicados:**

Tipos de Trabalho: Dissertações e Teses

Temas Centrais: Agroecologia e Ética

Ano de Publicação: De 2000 a 2022

Total de Pesquisas Encontradas: 573 (287 dissertações e 286 teses)

**Pesquisas Selecionadas na primeira etapa de escolha do campo empírico da revisão de literatura:**

**Primeira Seleção – Pesquisas que apresentam a palavra “Agroecologia”, no título (um total de 22 pesquisas)**

Limites e possibilidades do ensino de agroecologia: um estudo de caso sobre o currículo do curso técnico agrícola da Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul/SC

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7619>

Situações de interface e construção do conhecimento: grupos de agroecologia, agricultores e universidade

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/132949>

Construção de ilhas interdisciplinares de racionalidade sobre agroecologia: contribuições para o ensino de ciências

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/251577>

Agroecologia e a questão da segurança alimentar: contribuições para o ensino de Ciências a partir de uma ilha interdisciplinar de racionalidade em contexto de escola do campo

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/250417>

Trajетórias de construção da agroecologia: sistemas agroflorestais, cooperação e reciprocidade e resistência em Vacaria, RS

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231879>

Agricultura agroecológica no oeste do Paraná: extensionistas, entidades de ater e agricultores

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/204090>

Performances de gênero e ruralidades: acompanhando uma rede agroecológica de Canguçu – RS

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/213017>

Espaço agrícola, ambiente e agroecologia: incidência de moscas-das-frutas (Diptera, Tephritidae) nos pomares de laranja do município de Caraá, RS

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10094>

Contextos, dinâmicas de mudança e caminhos: um olhar sobre os processos de transição agroecológica a partir de três casos brasileiros

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/250913>

Comércio solidário na prática: o Núcleo Litoral Solidário da Rede Ecovida de Agroecologia

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15362>

Construção do conhecimento agroecológico: o processo das famílias produtoras de arroz no assentamento Filhos de Sepé, Viamão

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/79025>

Aplicação do modelo 3-D de sustentabilidade na análise de propriedades agroecológicas na área de influência de Unidades de Conservação no Rio Grande do Sul

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/103456>

Neorrurais agroecologistas e o desenvolvimento rural sustentável: o caso das produtoras e dos produtores agroecológicos da RAMA

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/216646>

Construção do conhecimento agroecológico em sistemas agroflorestais de erva-mate e de frutíferas: conhecimento local e produção de novidades

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/183314>

Metaforizando a vida na terra: um recorte sobre o caráter pedagógico do Teatro-Fórum e sua mediação nos processos de transição agroecológica e cooperação em Rio Grande-RS

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8964>

Reinvenção espacial: agroecologia e turismo - sustentabilidade ou insustentabilidade?

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32697>

Sementes e saberes...: trocas e aprendizados com a cultura Guarani e a agroecologia

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7093>

O estudo da participação na interface dos atores na arena de construção do conhecimento agroecológico

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/79129>

Agroecologia, sustentabilidade e os pescadores artesanais: o caso de Tramandaí (RS)

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14270>

Produção de conhecimentos e inovações na transição agroecológica: o caso da agricultura ecológica de Ipê e Antônio Prado/RS

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/109251>

O pagamento por serviços ambientais como instrumento para a transição agroecológica na agricultura familiar: desafios no cenário brasileiro

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/246434>

O processo decisório na transição agroecológica dos agricultores da cooperativa leboqueirense de agricultores familiares

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/97861>

### **Segunda Seleção – Pesquisas que apresentam a palavra “Ética”, no título (um total de 3 pesquisas)**

Horizontes utópicos em disputa: ética socioclimática e práticas socioecológicas no contexto dos instrumentos climáticos brasileiros

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/239845>

O cuidado como prática e como valor: uma proposta de ética jornalística

feminista

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/234811>

A ética do convívio ecossustentável: uma biografia de José Lutzenberger

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/140281>

**Terceira Seleção – Pesquisas da primeira e da segunda seleção que apresentam ambas as palavras “Agroecologia” e “Ética”, no título (um total de 0 pesquisa)**

Nenhuma

**Quarta Seleção – Pesquisas da segunda seleção que apresentam ao longo de sua escrita a palavra “Agroecologia”, (um total de 0 pesquisa)**

Nenhuma

**Quinta Seleção – Pesquisas da primeira seleção que apresentam ao longo de sua escrita a palavra “Ética”, (um total de 13 pesquisas)**

Limites e possibilidades do ensino de agroecologia: um estudo de caso sobre o currículo do curso técnico agrícola da Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul/SC

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7619>

Agroecologia e a questão da segurança alimentar: contribuições para o ensino de Ciências a partir de uma ilha interdisciplinar de racionalidade em contexto de escola do campo

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/250417>

Trajetórias de construção da agroecologia: sistemas agroflorestais, cooperação e reciprocidade e resistência em Vacaria, RS

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231879>

Agricultura agroecológica no oeste do Paraná: extensionistas, entidades de ater e agricultores

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/204090>

Performances de gênero e ruralidades: acompanhando uma rede agroecológica de Canguçu – RS

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/213017>

Espaço agrícola, ambiente e agroecologia: incidência de moscas-das-frutas (Diptera, Tephritidae) nos pomares de laranjado município de Caraá, RS

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10094>

Comércio solidário na prática: o Núcleo Litoral Solidário da Rede Ecovida de Agroecologia

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15362>

Aplicação do modelo 3-D de sustentabilidade na análise de propriedades

agroecológicas na área de influência de Unidades de Conservação no Rio Grande do Sul

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/103456>

Neorrurais agroecologistas e o desenvolvimento rural sustentável: o caso das produtoras e dos produtores agroecológicos da RAMA

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/216646>

Construção do conhecimento agroecológico em sistemas agroflorestais de erva-mate e de frutíferas: conhecimento local e produção de novidades

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/183314>

Sementes e saberes...: trocas e aprendizados com a cultura Guarani e a agroecologia

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7093>

Agroecologia, sustentabilidade e os pescadores artesanais: o caso de Tramandaí (RS)

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14270>

O pagamento por serviços ambientais como instrumento para a transição agroecológica na agricultura familiar: desafios no cenário brasileiro

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/246434>

Fonte: Autoras, 2024.

Dadas as 13 pesquisas classificadas ao final das cinco seleções realizadas – mediante aos critérios de busca delimitados para cada uma delas – passamos à segunda etapa da escolha do campo empírico da revisão da literatura da pesquisa, por intermédio da leitura de tais obras. Ao final, foram escolhidas 7 pesquisas que compreendemos como potentes para pensarmos as questões as quais nos dedicamos, por apresentarem uma associação direta entre Ética e Agroecologia e por explicitarem os sentidos associados à ambas nas associações propostas por intermédio de suas discussões, referenciais teóricos ou abordagens metodológicas, e a partir das singularidades que constituem cada uma delas.

Logo abaixo, no quadro 3, apresenta-se detalhadamente as pesquisas de dissertação de mestrado e de tese de doutorado escolhidas de modo a constituir o campo empírico desta revisão de literatura, a partir de seus títulos, tipos de pesquisa, autoras/autores, universidade, Programas de Pós-Graduação (PPG), anos de publicação e endereços eletrônicos.

### **Quadro 3: Pesquisas escolhidas para compor o campo empírico da revisão de literatura**

#### **Agroecologia e a questão da segurança alimentar: contribuições para o ensino de Ciências a partir de uma ilha interdisciplinar de racionalidade em contexto de escola do campo**

Tipo de Pesquisa	Tese de Doutorado
Autora	Milene Ferreira Miletto
Universidade	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Programa de Pós-Graduação	Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências do Instituto de Ciências Básicas da Saúde
Ano de publicação	2022
Endereço Eletrônico	<a href="https://lume.ufrgs.br/handle/10183/250417">https://lume.ufrgs.br/handle/10183/250417</a>

#### **Espaço agrícola, ambiente e agroecologia: incidência de moscas-das-frutas (Diptera, Tephritidae) nos pomares de laranjado município de Caraá, RS**

Tipo de Pesquisa	Dissertação de Mestrado
Autora	Luciana Fofonka
Universidade	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Programa de Pós-Graduação	Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências
Ano de publicação	2006
Endereço Eletrônico	<a href="https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10094">https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10094</a>

#### **Limites e possibilidades do ensino de agroecologia: um estudo de caso sobre o currículo do curso técnico agrícola da Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul/SC**

Tipo de Pesquisa	Dissertação de Mestrado
Autora	Marcia Lie Ayukawa
Universidade	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Programa de Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas

Ano de publicação 2005

Endereço Eletrônico <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7619>

**Neorrurais agroecologistas e o desenvolvimento rural sustentável: o caso das produtoras e dos produtores agroecológicos da RAMA**

Tipo de Pesquisa Dissertação de Mestrado

Autora Bruna Karpinski

Universidade Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Programa de Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas

Ano de publicação 2020

Endereço Eletrônico <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/216646>

**O pagamento por serviços ambientais como instrumento para a transição agroecológica na agricultura familiar: desafios no cenário brasileiro**

Tipo de Pesquisa Tese de Doutorado

Autor Felipe Franz Wienke

Universidade Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Programa de Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação em Direito da Faculdade de Direito

Ano de publicação 2016

Endereço Eletrônico <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/246434>

**Performances de gênero e ruralidades: Acompanhando uma rede agroecológica de Canguçu – RS**

Tipo de Pesquisa Dissertação de Mestrado

Autora Rosemeri Völz Wille

Universidade Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Programa de Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia

Ano de publicação 2020

Endereço <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/213017>

Eletrônico

**Trajórias de construção da agroecologia: sistemas agroflorestais, cooperação e reciprocidade e resistência em Vacaria, RS**

Tipo de Pesquisa	Dissertação de Mestrado
Autor	Guilherme Duarte Figueiredo De Souza
Universidade	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Programa de Pós-Graduação	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas
Ano de publicação	2021
Endereço Eletrônico	<a href="https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231879">https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231879</a>

Fonte: Autoras, 2024.

tenização





Após percorrido sobre a escolha do campo empírico desta revisão de literatura, dedicamo-nos ao movimento de busca nos escritos propriamente ditos, de modo que o que se busca são os encontros – os atravessamentos – que caracterizam a singularidade do modo como a Agroecologia e a Ética são postas em relação nas obras já elaboradas e publicadas no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LUME).

Escolhemos iniciar com os escritos de Rosemeri Völz Wille (2020) em sua dissertação de mestrado – intitulada “*Performances de gênero e ruralidades: Acompanhando uma rede agroecológica de Canguçu – RS.*” –, que na busca por elementos que respondessem ao problema de pesquisa:

Como falar de ruralidade sem falar da terra, das estações, das sementes, adubos, animais? Como falar de gênero sem mencionar a rede que compõe o cotidiano de mulheres e homens e os elementos com os quais se relacionam? Como falar de gênero sem pensar os atores que compõem este emaranhado complexo de práticas, sentidos, divisões e compartilhamentos? (WILLE, 2020, p. 15).

E de modo a alcançar os objetivos propostos por sua pesquisa, que visavam:

[...] ampliar e aproximar a discussão acerca das ruralidades da psicologia; construir um panorama teórico acerca das ruralidades, as questões de gênero nesse contexto e a emergência da agroecologia; discutir como se colocam as questões de gênero pelos movimentos que pautam as questões ambientais; e acompanhar um grupo situado no município de Canguçu, que possui a agroecologia como princípio, buscando rastrear associações que produzem modos diferentes dos que se produzem nas práticas agrícolas convencionais, especialmente as associações que sustentam gênero, as diferenciações e compartilhamentos entre mulheres e homens. (WILLE, 2020, p. 17).

A pesquisa se dedicou a acompanhar uma rede agroecológica do município de Canguçu, no Rio Grande do Sul. “A rede escolhida para pesquisa é um grupo de agricultoras e agricultores familiares que possui como mote de sua organização a implantação de sistemas agroflorestais nas propriedades dos integrantes.” (WILLE, 2020, p. 51). O aporte teórico/metodológico que embasou tal escolha foi constituído pela teoria ator-rede, que de acordo com Wille (2020, p. 21), embasada nos estudos de Latour (2012), corresponde à compreensão das redes híbridas entre os atores humanos e não humanos, estes que estão em constante relação e que constituem o coletivo. Caracterizando isso, Wille (2020) traz o seguinte excerto: “No momento em que o clima traz consequências à organização humana, o ar torna-se poluído e a água escassa, evidenciando suas conexões e relações com os atores humanos, a natureza passa a ser parte do tecido social.” (WILLE, 2020, p. 20).

A ideia de rede a partir da teoria ator-rede passa pela compreensão de associações entre entes heterogêneos. Estes entes, humanos e não-humanos, intitulados atores [...], são dotados da capacidade de gerar ação, isso é, que “fazem-fazer” (LATOURETTE, 2012). O principal contraste da teoria com outras abordagens é a atenção aos elementos não-humanos, que deixam de ser apenas artefatos significados pelos humanos e passam a ser pensados com capacidade de agência, isto é, com capacidade de mobilizar ações nas redes. (WILLE, 2020, p. 21).

Wille (2020) ainda elucida que seus anseios não objetivam

defender a criação de um novo campo dentro da Psicologia, mas sim a importância de que a Psicologia esteja implicada com os diversos modos de vida. É nesse rastro que se insere este trabalho, desde a implicação com a desconstrução de processos universalizantes e a importância do olhar para os processos de subjetivação nos diversos contextos. Parto da posição de que sujeito e mundo se produzem em coemergência a partir de redes complexas, que são localizadas e específicas, e que convocam a uma postura político investigativa que as compreendam enquanto tal. (WILLE, 2020, p. 18).

Assim, ao longo de suas escolhas teórico/metodológicas Wille (2020) propôs um encontro, considerado pela ótica de nosso olhar como singular, entre a Agroecologia e a Ética, na medida em que diz:

[...] a agroecologia possui princípios que não tangem somente a produção agrícola em um sentido técnico, mas que englobam práticas de modo sistêmico, pensando o social e suas complexidades. Neste trabalho exercito criar um caminho de pensamento onde técnicas e práticas agrícolas não estão desligadas das demais práticas da vida, mas pelo contrário, implicam-se entre si e se coproduzem. Assim passo a pensar a existência de **uma ética em produção, um ethos<sup>12</sup> agroecológico.**<sup>[13]</sup> (WILLE, 2020, p. 56).

Tal excerto da pesquisa de Wille (2020) constitui o capítulo intitulado pela autora como “*Capítulo III - Acompanhando uma Rede Agroecológica de Canguçu-RS*”, de modo que tais discussões são aprofundadas no subcapítulo 5.3 da mesma pesquisa, intitulado como “*Organização coletiva e autogestão: produção de uma ética agroecológica*”. Destacamos a expressão utilizada por Wille (2020) “ética agroecológica”, constituinte do título de tal subcapítulo, na medida em que pressupõe a existência de uma ética agroecológica.

Fundamentada teoricamente por Varela (1992), que compreende a ética como um produto da prática cotidiana e das relações dos sujeitos, de modo que sem a existência de tais práticas e relações não há ética, Wille (2020) coloca que

Nessa perspectiva, ética não se limita à racionalidades morais e comportamentos deliberados, mas está centrada no fazer. É o que se faz e como se posiciona no

<sup>12</sup> Wille (2020) não explicita o sentido associado ao termo: “ethos” em sua pesquisa.

<sup>13</sup> Grifo das autoras.

mundo, a partir de um repertório de ações disponíveis a cada corpo situado, e não somente o que se julga sobre o mundo. (WILLE, 2020, p. 56).

A ética agroecológica que delinea as discussões e problematizações da pesquisa de Wille (2020, p. 56), segundo a autora, se refere às singularidades de cada grupo, rede, enunciado, evento, entre outras relações, no qual se aborda e se faz a agroecologia e, assim, a produzem.

Pensar a realidade enquanto performada centra-se no fazer e, logo, no presente, mas também compreende a existência de rotinas e padrões, e mesmo direcionamentos a partir do que se deseja, como nos documentos formulados pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) que buscam trazer as discussões sobre gênero e outros marcadores de diferença para o contexto da agroecologia. (WILLE, 2020, p. 56).

Wille (2020) cita a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) e a compreende como um dos atores da rede a qual a pesquisa acompanhou, de modo que mobiliza outros atores e as práticas do grupo pesquisado, mas, em especial, mobiliza as instituições apoiadoras do grupo. Além disso, a autora aponta que as práticas pensadas para o grupo são atravessadas pelas produções e discussões propostas pela ABA, bem como pelas produções e discussões propostas pela universidade.

Outro ator-rede considerado por Wille (2020), ao acompanhar as reuniões do grupo, compostas pelos agricultores e agricultoras e os técnicos e técnicas da EMATER, é a autogestão.

A autogestão, também compreendida como ator-rede, refere-se ao modo de organização pautado em processos coletivos igualitários de tomada de decisão. Entendemos aqui a autogestão como **uma prática ética**<sup>14</sup> que advém de uma proposição política explícita, construída e regulada compartilhadamente (RAMM, MONTEIRO & WILLE, 2019), que se encontra sempre em processo. Sendo **uma prática ética**<sup>15</sup>, nos termos que aqui discuto, se dá enquanto exercício e não exatamente como um estado a se chegar. Com esse entendimento, compreende-se que, apesar do grupo experienciado pretender-se autogestionário e exercitar a autogestão, nele também se sustentam práticas heterogestionárias e momentos mais e menos democráticos. (Wille, 2020, p. 58).

Nesse sentido, Wille (2020, p. 56) concorda com a noção de Latour (2000, p. 421) de que referente aos elementos de uma rede cabe-se olhar para as transformações sofridas por eles na relação com o outro, do que buscar o valor intrínseco de tais elementos, e afirma que escolher acompanhar as práticas do grupo em questão visava “[...] perceber como se faz a

---

<sup>14</sup> Grifo das autoras.

<sup>15</sup> Grifo das autoras.

agroecologia neste grupo, e como se produzem mulheres e homens e suas diferenciações.” (WILLE, 2020, p. 56-57).

Dados os contornos da pesquisa de Wille (2020), de modo a responder as problematizações às quais se dedicou, a autora destaca como considerações finais que sua pesquisa tratou “As ruralidades como [um] campo que não é homogêneo, feitas de muitas práticas, de processos de subjetivação diversos.” (WILLE, 2020, p. 68). Além disso, tratou, especificamente a Agroecologia – um dos temas que mais nos é caro nessa revisão de literatura – “[...] como um movimento social que também se constitui localmente, de diversas práticas, princípios e ideias que se atualizam em cada região e grupo.” (WILLE, 2020, p. 68).

Ademais a autora finaliza sua escrita considerando que as práticas que constituem a agroecologia se dão a partir de uma relação entre a natureza e a cultura, onde “[...] constroem-se saberes, reflexões e tecnologias.” (WILLE, 2020, p. 69) e que “[...] as ruralidades também comportam a diferença, que as ruralidades não estão separadas da política e, portanto, não estão separadas do feminismo ou de qualquer outra discussão.” (WILLE, 2020, p. 69).

Assim, Wille (2020) percorreu espaços como o da ética; do feminismo; dos grupos de agricultoras e agricultores; do que foi chamado por ela de redes; ambos a partir do tema da Agroecologia.

\*

De modo a darmos seguimento na busca empregada nessa revisão de literatura, que se dedica a compreender os elementos que dão indícios das formas e perspectivas que são atribuídas à ética ao longo das pesquisas acadêmicas já publicadas que abordam sobre a agroecologia, trazemos a dissertação de mestrado de Marcia Lie Ayukawa (2005) – “*Limites e possibilidades do ensino de agroecologia: um estudo de caso sobre o currículo do curso técnico agrícola da Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul/SC*” – que discorre sobre a agroecologia ao percorrer o tema da educação, mais especificamente, do currículo do ensino técnico agrícola brasileiro, dado a sua problemática de pesquisa, que interrogava: “Como foi inserida e como tem sido operacionalizada a Agroecologia no currículo do curso técnico agrícola?” (AYUKAWA, 2005, p. 15).

Ayukawa (2005) diz compreender que a escolha de um determinado tema de pesquisa perpassa afetos, escolhas outras e percepções pessoais, e coloca que “[...] ao lecionar numa escola agrotécnica, foi possível perceber que ali se ministrava um ensino para o aluno “ser alguém” ou “ser alguma coisa”, muitas vezes, negando o que “se é”.” (AYUKAWA, 2005, p. 13). Assim, perseguindo essa percepção, Ayukawa (2005) escolheu percorrer o tema do

ensino técnico agrícola brasileiro a partir do contexto histórico em que está inserido tal tema. Em detrimento disso, Ayukawa (2005) coloca:

A história de desenvolvimento do capitalismo na agricultura vem influenciando o ensino agrícola. Nesta história se percebeu, primeiramente, que o processo de modernização da agricultura implicou em mudanças que foram além das técnicas de produção utilizadas, correspondendo também a mudanças nos valores, hábitos, costumes e ao modo de pensar o trabalho agrícola. Este passou a ser baseado em uma racionalidade produtiva desenvolvida e guiada por um “saber” fragmentado que vem se constituindo com o desenvolvimento do capital e da divisão do trabalho. Sabe-se que este processo de modernização, atrelado a tais mudanças, privilegiou uma classe dominante detentora dos meios de produção à medida que levou à subordinação uma legião de pequenos agricultores. (AYUKAWA, 2005, p. 13).

Nesse sentido, Ayukawa (2005) afirma que em consonância com as mudanças ocorridas em relação às compreensões do modo de fazer agricultura e dos modos de produção que marcam a modernização da agricultura, o ensino técnico agrícola passa a formar, ao invés do aluno, o “ser técnico agrícola”. [...] Desta forma, os currículos das escolas agrotécnicas apresentavam-se vinculados às demandas do capital.” (AYUKAWA, 2005, p. 13).

Na historicidade do currículo, Ayukawa (2005) busca a compreensão dos modos como este opera sobre os processos e as transformações da sociedade. Para isso, se embasa em Moreira (1995, p.15), que diz que o campo conceitual do currículo sofreu transformações após as discussões acerca da capacidade da educação de superar as desigualdades e injustiças sociais advindas do processo de modernização e de industrialização, após a década de 1960.

Segundo esta teoria de estudos sobre o currículo [Teoria Crítica do Currículo], passou a ser feita a ligação entre currículo, economia, política e poder. Começou a se falar no conceito de currículo oculto. Nesta teoria também se encaixa o reconhecimento dos saberes escolares como resultado de disputas sociais, políticas e culturais (REALI, 2001). Assim o currículo é visto como parte operacionalizável do conjunto destes saberes, construído a partir de fatores externos (tais como as leis, a cultura da região, o mercado, os movimentos sociais, ONGs, entre outros) e internos (gestão escolar, materiais e métodos didáticos, relação aluno-professor...) da escola. Moreira e Silva dizem que o estudo dos currículos, a partir desta visão, tem como principal função “entender a favor de quem este currículo trabalha” (MOREIRA E SILVA, 1995 p.16). (AYUKAWA, 2005, p. 71-72).

Sobre a construção do currículo, Ayukawa (2005) concorda com Silva (1992) que entende tal construção como um processo social. Nesse sentido, embasada por Apple (1995), Ayukawa (2005) ainda coloca que a construção do currículo se dá mediante a seleção e mediante o que é considerado um conhecimento legítimo por um grupo. Tal seleção expõe também o poder de controle que advém da escola, sobre as pessoas e sobre os significados.

Desta forma, afirma-se que o currículo é um controlador social. O desenvolvimento e a construção de um currículo voltado para a realidade do pequeno agricultor e comprometido com as suas necessidades significa considerar a historicidade do termo currículo e todas as implicações que a historicidade lhe confere, ou seja, significa compreender o currículo como “produto das tensões, conflitos e tensões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo.” (APPLE, 1995). (AYUKAWA, 2005, p. 73).

A dissertação de Ayukawa (2005), de acordo com a autora, parte dessa compreensão de que o currículo se produz mediante disputas que percorrem os âmbitos sociais, políticos, econômicos e culturais da sociedade, e, por isso, se buscou entender as nuances da inserção e da operacionalização da Agroecologia no currículo do ensino técnico agrícola, “[...] frente à modificação dos currículos determinada pela LDBEN/96.” (AYUKAWA, 2005, p. 14). Além disso,

[...] partindo-se da compreensão de que o currículo vai muito além da simples inserção de disciplinas [,] buscou-se entender também o desenvolvimento deste currículo a partir das práticas pedagógicas, da organização curricular, da estrutura física da escola e do desenvolvimento das aulas. (AYUKAWA, 2005, p. 16).

Ayukawa (2005) delinea também que,

Com isso, poderá elucidar-se os limites e as possibilidades do ensino de Agroecologia e trazer à luz, alternativas, as quais se constituem espaços para a construção de novos currículos visando a formação dos técnicos agrícolas. Mais especificamente, este trabalho direciona-se a: Identificar no contexto das disputas sociais, políticas, culturais e econômicas os fatores externos e internos à escola que determinaram a inserção e que determinam a operacionalização da Agroecologia no currículo do curso técnico agrícola. Identificar possíveis incoerências entre o que foi colocado como proposta e como tem sido operacionalizada a Agroecologia no currículo do curso técnico agrícola. Identificar qual a concepção de Agroecologia dominante no currículo do curso técnico agrícola. (AYUKAWA, 2005, p. 16-17).

Dados os objetivos de pesquisa de Ayukawa (2005) e o referencial teórico adotado pela autora no que se refere ao currículo, passamos a olhar agora para as bases teóricas que fundamentam o conceito de agroecologia na pesquisa em questão.

A partir de Guzman (2000), Ayukawa (2005) aponta que existem diferenças que marcam as concepções das agriculturas de base ecológica (orgânica, biológica e demais que se assemelham), que surgiram na década de 1960, na Europa e nos Estados Unidos, e as concepções de Agroecologia, esta que emerge na década de 1980, no contexto dos países em desenvolvimento, como o Brasil. Tais diferenças se encontram nos objetivos que visavam alcançar e nos modos como desenvolviam suas técnicas de produção. Assim, as agriculturas de base ecológica

[...] surgiram para resolver os problemas de degradação da natureza e os problemas de abastecimento da população com alimentos contaminados. Muitas vezes estas agriculturas assumem um aspecto dogmático, e reúnem diferentes técnicas a serem utilizadas em detrimento aquelas do padrão moderno. (AYUKAWA, 2005, p. 76).

A Agroecologia, num outro viés,

[...] incorpora a preocupação com os problemas relativos a uma política agrícola excludente de países como o Brasil. Desta forma a proposta agroecológica deixa clara a intenção da busca de soluções para os problemas que surgem neste cenário. As questões sociais assumem relevância e percebe-se o surgimento de um compromisso **ético-político**<sup>16</sup>. (AYUKAWA, 2005, p. 77).

Ayukawa (2005) destaca a visão de Altieri (1995) que, em consonância com outros autores que discutem a agroecologia, se dedica ao aprofundamento teórico sobre o tema, a partir do esclarecimento de conceitos e de princípios, de modo a dar à agroecologia o caráter de uma “nova ciência” (AYUKAWA, 2005, p. 77).

“[...] A ciência clássica prima por princípios de objetividade, neutralidade, busca da verdade, conhecimento desinteressado do mundo, etc.” (AYUKAWA, 2005, p. 77). Em contraponto com o que preza a agroecologia, de modo que “[...] no conhecimento agroecológico são válidos também os conhecimentos tradicionais e os saberes cotidianos.” (AYUKAWA, 2005, p. 77-78).

Ayukawa (2005) apresenta estes contrapontos, fundamentada por Gomes (2003), de modo a explicitar que dar à agroecologia o caráter de uma “nova ciência” – como descreve Altieri (1995) e demais pesquisadores da Agroecologia – implicaria numa mudança no paradigma das ciências, o que Ayukawa (2005), concordando com Gomes (2003), diz ser um obstáculo.

Outro obstáculo que Ayukawa (2005) destaca, ainda de acordo com Gomes (2003), está relacionado com o fato de que a ciência – chamada por Ayukawa (2005) de convencional – “[...] intitula-se “neutra”, portanto, as discussões éticas e políticas sempre foram negadas. Na Agroecologia esta visão crítica e a discussão do “por que”, “para que” ou “para quem” se faz ciência, é imprescindível [...]” (AYUKAWA, 2005, p. 79).

Questões como estas não têm sido tratadas por ingenuidade, por desconhecimento ou por aceitação, inconsciente ou não, de alguma ideologia que interessa a alguém ou a algum grupo. A incorporação da dimensão **ética**<sup>17</sup> [e política]<sup>18</sup> na pesquisa agroecológica tem exatamente a função de clarear as intenções, explicitando-as. Isso

---

<sup>16</sup> Grifo das autoras.

<sup>17</sup> Grifo das autoras.

<sup>18</sup> Inserção de AYUKAWA, 2005.

não significa que pretenda eliminar o conflito da sociedade. Numa sociedade plural, as instituições também refletem a pluralidade de opções, sejam **éticas**<sup>19</sup>, ideológicas ou tecnológicas. (GOMES, 2003 apud AYUKAWA, 2005, p. 79).

No contexto do Curso Técnico Agrícola com Habilitação em Agroecologia da Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul/Santa Catarina, – objeto de estudo da dissertação de mestrado de Ayukawa (2005), sobre a qual discorreremos nesse momento – nos é importante a descrição que a autora faz referente à justificativa apresentada no Plano de Curso no momento de sua criação.

Segundo Ayukawa (2005), visando superar o modelo da agricultura moderna, e as consequências que advém desta, “[...] há na sociedade um segmento de pesquisadores e interessados que desenvolvem a ciência da agroecologia [...]” (AYUKAWA, 2005, p. 94).

Nesse sentido,

Segundo a justificativa do Curso [Técnico Agrícola com Habilitação em Agroecologia], esta ciência está trazendo estratégias de autonomia e soberania subordinadas ao princípio da **ética**<sup>20</sup> e dá prioridades às questões sociais, ao uso racional de recursos naturais e à viabilidade econômica e social das pequenas e médias escalas de produção sendo assim, uma alternativa viável para a resolução dos problemas causados pela agricultura moderna. (AYUKAWA, 2005, p. 94).

Ademais, no capítulo 4 da dissertação de Ayukawa (2005), intitulado: “*O Ensino de Agroecologia na EAFRS/SC*<sup>21</sup>: *Limites e Possibilidades entre o Projetado e o Realizado*”, discorrem-se as análises da pesquisa – dado o campo empírico constituído a partir das entrevistas realizadas junto aos alunos, professores e técnicos do Curso Técnico Agrícola com Habilitação em Agroecologia – de modo que consideramos importante destacar as compreensões dos sujeitos da pesquisa sobre a Agroecologia.

Ayukawa (2005) coloca que os sujeitos da pesquisa discorrem sobre a Agroecologia compreendendo-a a partir de duas dimensões diferentes, sendo elas: a dimensão técnica/ambiental e a dimensão ético/política.

Na dimensão técnica/ambiental estão agrupadas as questões técnicas da Agroecologia salientando uma preocupação com a preservação/conservação ambiental. Na dimensão **ético**<sup>22</sup>/política estão agrupadas as questões que abrangem também o desejo de uma sociedade mais igualitária, sugerindo valores e comportamentos éticos diferenciados.

---

<sup>19</sup> Grifo das autoras.

<sup>20</sup> Grifo das autoras.

<sup>21</sup> Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul/Santa Catarina.

<sup>22</sup> Grifo das autoras.



Assim, adiante destacamos dois excertos que fazem parte das descrições advindas das entrevistas realizadas pela autora referente aos modos como os alunos, professores e técnicos compreendem a Agroecologia na sua dimensão ético/política, tendo em vista que estas questões nos são mais caras nesse momento.

O primeiro excerto que destacamos é a citação que Ayukawa (2005) faz da entrevista com um dos técnicos do curso, que, segundo a autora, discorre sobre a dimensão ético/política da Agroecologia, quando diz:

*“Para mim é muito mais complexo do que muitas pessoas imaginam. Para mim é uma filosofia de vida que não é simplesmente produzir sem agrotóxico e produzir respeitando o meio ambiente. Para mim a Agroecologia é uma mudança radical de todo o modo de pensar. Isto se empregaria muito bem numa pequena propriedade pelo fato de agregar mão de obra. [...] Teria de mudar desde o princípio, mudar todos os seus conceitos, agregar a mão de obra o valor a tudo que produzir dentro da propriedade [...]” (entrevista 30)<sup>23</sup>*

O segundo excerto que destacamos advém de uma das entrevistas realizadas com os alunos do curso, que Ayukawa (2005) apresenta como uma demonstração da dimensão ético/política no modo como estes compreendem a Agroecologia, na medida em que o sujeito entrevistado diz:

*“No começo eu tinha só uma base: era não usar agrotóxico e proteger o solo – a vida que tem em cima do solo e embaixo do solo. Minha definição está crescendo. Hoje eu tenho idéia de que a **Agroecologia tem a ver contigo**<sup>24</sup> [...]. [Na Agroecologia] você tem que entender que você está interagindo com o mundo, com pessoas distintas, as mais diferentes raças e etnias [...] é uma agricultura que vai proteger a vida, é claro, mas vai proteger o pequeno agricultor.” (entrevista 26)<sup>25</sup>*

Tais excertos demonstram os modos como a ética perpassa as compreensões que os professores, técnicos e estudantes têm de Agroecologia no contexto do Curso Técnico Agrícola da Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul/Santa Catarina, com habilitação em Agroecologia. Além disso, tais compreensões se assemelham às discussões trazidas pelo referencial teórico de Ayukawa (2005), que entendem a ética como parte fundamental do desenvolvimento da Agroecologia, na medida em que se visa assegurar recursos para as gerações futuras, promover o respeito com as culturas dos sujeitos que com ela se relacionam e a exercem e a garantir preservação dos ecossistemas.

\*

---

<sup>23</sup> Grifo de Ayukawa (2005).

<sup>24</sup> Grifo das autoras.

<sup>25</sup> Grifo de Ayukawa (2005).

A Tese de Doutorado de Felipe Franz Wienke (2016) – “*O Pagamento Por Serviços Ambientais Como Instrumento Para a Transição Agroecológica na Agricultura Familiar: Desafios no Cenário Brasileiro*” – percorre o tema da Agroecologia a partir da problemática delineada pelo autor, que buscava “[...] analisar o potencial dos programas de Pagamento por Serviços Ambientais (PSA) como instrumento de transição agroecológica no contexto da agricultura familiar.” (WIENKE, 2016, p. 21). De acordo com o autor,

Como hipótese geral, afirma-se que tais programas apresentam uma capacidade de, além de contribuir para a consolidação de uma política nacional de transição agroecológica, efetivar medidas de redistribuição e de reconhecimento cultural na agricultura familiar. (WIENKE, 2016, p. 21).

De modo a responder à problemática que circunscreve sua pesquisa, e a partir de sua hipótese geral, Wienke (2016) propõe os seguintes objetivos de pesquisa:

- Analisar a concepção de agricultura familiar no Brasil a partir do marco legal instituído pela lei 11.326/2006, salientando-se a consolidação de duas categorias identificadas a partir de elementos socioeconômicos e histórico-culturais.
- Averiguar a problemática agrária para cada um destes grupos, buscando-se identificar as discussões históricas e jurídicas sobre a relação agricultura familiar/acesso à terra.
- Investigar a amplitude dos conceitos de meio ambiente e de serviços ambientais adequada para o estudo da agricultura familiar na perspectiva socioambiental.
- Analisar criticamente os serviços ambientais fornecidos pela agricultura familiar no Brasil, a partir de uma abordagem exemplificativa.
- Apresentar os conceitos de agroecologia e de transição agroecológica, bem como a emergência e significação no direito brasileiro. Averiguar, outrossim, as estratégias de transição agroecológica adotadas no país, bem como seus respectivos resultados.
- Conceituar os programas de Pagamento por Serviços Ambientais, bem como apresentar as principais discussões observadas na literatura.
- Apresentar os princípios de política ambiental relevantes para a análise dos programas de Pagamento por Serviços Ambientais.
- Investigar as experiências nacionais e estrangeiras de programas de pagamento por serviços ambientais, os contextos de vigência destas políticas, bem como os resultados constatados.
- Formular um conceito de justiça socioambiental a partir do trabalho de Nancy Fraser e adequá-lo para o contexto socioambiental da agricultura familiar no Brasil.
- Formular proposições para a construção de uma Política Nacional de Pagamento por Serviços Ambientais direcionada à agricultura familiar. Finalmente, salienta-se que o presente trabalho buscará apresentar um grau de inovação para os debates no cenário brasileiro, sobretudo no que se refere às proposições no âmbito da política ambiental. Tal grau de inovação, ainda que tímido, visa propiciar críticas e questionamentos, aprofundando o debate acadêmico acerca dos institutos pesquisados. (WIENKE, 2016, p. 21).

Dessa forma – dado o movimento proposto para esta revisão de literatura – consideramos importante destacar o subcapítulo 2.1: “*Transição Agroecológica: um redirecionamento para qual direção?*”, constituinte do capítulo: “*Os serviços ambientais prestados pela agricultura familiar: um caminho para a transição agroecológica*” da pesquisa de Wienke (2016), onde o autor discorre sobre transições.

A transição, como salienta Pascal Chabot [(2015)], é a mudança desejada. Elas se distinguem das mudanças ordinárias pelo investimento mental e afetivo que as circunda. A transição se opõe à estabilidade e “se faz presente cada vez que o futuro se convida nos debates e pesa sobre nossas escolhas” [(CHABOT, 2015, p. 17)] [...]. Segundo o autor, a transição habita as bordas do sistema. Este movimento não é casual, mas reflexivo. A transição é a mudança a qual se adiciona o pensamento. Ele aparece antes como a resultante de escolhas e de compromissos, de dinâmicas identificáveis, e de resistências laterais que impactam o movimento do conjunto. (WIENKE, 2016, p. 157-158).

Além disso, a partir dos escritos de Crema (1989), Wienke (2016) coloca que a noção de transição tem similaridade com a ideia de paradigma – na medida em que se entende paradigma como um “[...] modelo, padrão e exemplos compartilhados, significando um esquema modelar para a descrição, explicação e compreensão da realidade” [(CREMA, 1989, p. 18 apud WIENKE, 2016, p. 158)] – e que uma mudança corresponde proporcionalmente à troca de paradigmas.

“O fenômeno da conversão ao novo paradigma, que é sempre uma transição entre incomensuráveis, encontra-se no próprio cerne do processo revolucionário que conduz a uma nova tradição científica.” (CREMA, 1989, p. 18 apud WIENKE, 2016, p. 158). Nesse sentido, ainda a partir de Crema (1989), Wienke (2016) enfatiza a complexidade que envolve a mudança de paradigmas, no sentido de que “A transição para uma nova estrutura conceitual geralmente é procedida de um grande stress, bem como de uma forte resistência daqueles que se situam no paradigma em crise.” (WIENKE, 2016, p. 158).

A transição agroecológica deve ser situada neste debate. Ela não constitui apenas uma simples alteração pontual nas técnicas de produção agrícola, mas uma mudança estrutural que inclui uma nova relação entre o agricultor e o meio ambiente. Torna-se necessário definir, retornando ao trabalho de Pascal Chabot [(2015)], “qual é a nova direção e qual o próximo limiar” [(CHABOT, 2015, p. 36)] [...] (visto aqui como novo paradigma). (WIENKE, 2016, p. 158).

Para a pesquisa de Wienke (2016) importa especificamente a transição agroecológica, na medida em que, de acordo com o autor, sua pesquisa “[...] relaciona-se com a identificação de um modelo agrícola que respeite os princípios socioambientais.” (WIENKE, 2016, p. 158). Nesse sentido, Wienke (2016), a partir de Altieri (2004), coloca:

A agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional

– genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais. (ALTIERI, 2004, p. 23 apud. WIENKE, 2016, p. 21).

Trazendo a noção de Altieri (2004) sobre a transição agroecológica, Wienke (2016) caracteriza a mudança no paradigma das ciências que propõe a Agroecologia, assim como explicitou Ayukawa (2005) em sua dissertação de mestrado, sobre a qual discorreremos anteriormente.

Assim, a pesquisa de Wienke (2016) – respectiva à área do Direito – se dá fundamentada a partir do entendimento de que a Agroecologia, para além de um conjunto de técnicas de produção, corresponde à um plano científico para o desenvolvimento da agricultura sustentável e para o desenvolvimento rural sustentável, oposto aos modelos hegemônicos, de acordo com as noções de Agroecologia que propõem autores como Altieri (2004) – citado anteriormente –, Caporal e Costabeber (2002), e também como propõem os termos da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO).

Nesse sentido, ainda no subcapítulo 2.1: “*Transição Agroecológica: um redirecionamento para qual direção?*”, Wienke (2016) apresenta a noção de Agroecologia que atravessa os enunciados de Caporal e Costabeber (2002), a partir de seis dimensões que a constituem, sendo elas: a dimensão ecológica, a dimensão social, a dimensão econômica, a dimensão cultural, a dimensão política e a dimensão **ética**.

Destacamos, especificamente, das descrições feitas por Wienke (2016) sobre as diferentes dimensões constituintes da noção de Agroecologia para Caporal e Costabeber (2002), a dimensão ética, a qual Wienke (2016) apresenta, citando os autores, da seguinte forma:

**Dimensão ética**<sup>26</sup>: relaciona-se com a solidariedade intra e intergeracional, bem como com as novas responsabilidades dos indivíduos perante o meio ambiente. “Sendo assim, a **dimensão ética**<sup>27</sup> a que nos referimos exige pensar e fazer viável a adoção de novos valores, que não necessariamente serão homogêneos. (...), a dimensão ética da sustentabilidade requer o fortalecimento de princípios e valores que expressem a solidariedade sincrônica (entre as gerações atuais) e a solidariedade diacrônica (entre as atuais e futuras gerações)” [(CAPORAL & COSTABEBER, 2002, p. 79)]. (WIENKE, 2016, p. 161).

Wienke (2016) traz também, de modo a constituir seu referencial teórico, a compreensão da FAO sobre Agroecologia, que, num outro viés, a entende como:

---

<sup>26</sup> Grifo das autoras.

<sup>27</sup> Grifo das autoras.

um sistema de gestão global de produção que exclui a utilização de fertilizantes, de pesticidas e de organismos geneticamente modificados, reduzindo ao máximo a poluição do ar, do solo e da água, e otimizando a saúde e a produtividade de comunidades interdependentes de vegetais, de animais e de seres humanos. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA – FAO, 2014 apud. Wienke, 2016. p. 162).

Para Wienke (2016)

A concepção introduzida pela FAO parece ter sido tímida ao não incluir elementos da dimensão cultural, **ética**<sup>28</sup> e econômica. Como dito, a mera alteração de técnicas de produção (com a exclusão do uso de inseticidas, por exemplo) e a preocupação com a saúde dos envolvidos não é suficiente para a mudança paradigmática antes referida. (WIENKE, 2016, p. 162).

Outra base teórica constituinte da pesquisa de Wienke (2016) é a Carta da Terra<sup>29</sup>, utilizada pelo autor no intuito de embasar as discussões que são propostas sobre as dimensões da sustentabilidade, e de demonstrar o modo como as “[...] discussões acerca do desenvolvimento claramente possuem uma perspectiva social, ambiental (*stricto sensu*) e cultural [...]” (WIENKE, 2016, p. 119). Assim – no subcapítulo 1.2 de sua pesquisa: “*As dimensões da sustentabilidade: o desenvolvimento como equilíbrio socioambiental*” constituinte do capítulo: “*O conceito de serviços ambientais: a emergência no cenário internacional e a consolidação no direito brasileiro de uma noção socioambiental*” – Wienke (2016) coloca:

A redação da Carta da Terra elenca uma série de **princípios**<sup>30</sup> onde se percebe esta complexidade ambiental. Partindo da necessária interação entre os seres vivos em toda a sua diversidade (item 1), a Carta expressa uma “especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida” (item 5). O documento manifesta o liame social-econômico ao exprimir a necessidade de “erradicar a pobreza como um imperativo **ético**, social e ambiental” (item 9). Finalmente, o viés multicultural também é perceptível através do objetivo de “eliminar a discriminação em todas as suas formas (item 12.a), bem como de promover uma cultura de tolerância, não violência e paz” (item 16). (WIENKE, 2016, p. 120).

Além disso, os termos “estética/estético” aparecem com frequência nos escritos de Wienke (2016). Tais termos constituem as discussões feitas pelo autor que se iniciam no subcapítulo 2.1 da pesquisa: “*Delineando o conceito de serviços ambientais: uma análise preliminar*” – pertencente ao capítulo intitulado: “*O conceito de serviços ambientais: a*

<sup>28</sup> Grifo das autoras.

<sup>29</sup> “A Carta da Terra é uma declaração de princípios e objetivos. O início das suas discussões remonta ao ano de 1987, no âmbito da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas. [...] O texto final é publicado em junho de 2000, no Palácio da Paz, em Haia (Informações extraídas do site [www.cartadaterra.com.br](http://www.cartadaterra.com.br), acesso em 10/07/2015).” (WIENKE, 2016, p. 120).

<sup>30</sup> Grifo das autoras.

*emergência no cenário internacional e a consolidação no direito brasileiro de uma noção socioambiental*” – onde Wienke (2016) discorre sobre os serviços ambientais/serviços ecossistêmicos, temas caros à sua pesquisa.

O conceito de serviços ambientais comumente observado na doutrina não guarda grande complexidade. [...] Segundo a pesquisadora americana [Gretchen Daily] serviços ecossistêmicos são “as condições e os processos através dos quais os ecossistemas naturais, bem como as espécies que os compõem, sustentam e possibilitam a vida humana” (tradução do autor). [(DAILY, 1997)]. A noção se populariza a partir do relatório da Avaliação dos Ecossistemas para o Milênio, publicado em 2005, segundo a qual os serviços ecossistêmicos [...] constituem os benefícios que as pessoas obtém, direta ou indiretamente, dos ecossistemas. [...] (WIENKE, 2016, p.121-122).

Corroborando com a visão de serviços ecossistêmicos citada acima, Wienke (2016) apresenta os benefícios gerados pelos ecossistemas a partir de quatro grupos, de acordo com a natureza dos benefícios proporcionados às pessoas, sendo eles: serviços de provisão, de regulação, de suporte e, finalmente, serviços culturais. Nos é importante destacar a descrição apresentada pelo autor referente aos benefícios culturais, de modo que coloca: “Serviços culturais: são os benefícios intangíveis obtidos. Dentre eles, citam-se os benefícios estéticos, paisagísticos, de recreação, espirituais, etc.” (WIENKE, 2016, p. 122).

Wienke (2016) traz o Relatório: *Vivre au-dessus de nos moyens: actifs naturels et bien-être humain*<sup>31</sup>, apresentando os benefícios produzidos pelos ecossistemas sob a condição da existência de “[...] complexas interações biológicas, químicas e físicas que são também afetadas pelas atividades humanas.” (MILLENNIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT, 2005, p. 7 apud WIENKE, 2016, p. 122). Destes, destacam-se:

- Montanhas e regiões polares: disponibilização de alimentos, fibras, água doce, controle de erosão, regulação do clima, **lazer, ecoturismo, valores estéticos e valores espirituais**;<sup>32</sup> - Terras cultiváveis: disponibilização de alimentos, fibras, água doce, madeira de construção, regulação de parasitas, biocombustíveis, remédios medicinais, ciclo nutritivo, **valores estéticos, herança cultural**.<sup>33</sup> - Litoral: disponibilização de alimentos, fibras, madeira de construção, combustíveis, tratamentos de dejetos, proteção contra tempestades e ondas, **lazer, ecoturismo, valores estéticos**;<sup>34</sup> - Florestas: disponibilização de alimentos, madeira de construção, água doce, madeira para aquecimento, regulação de imundações, regulação de doenças, sequestro de carbono, regulação do clima local, remédios

<sup>31</sup> “MILLENNIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT. *Vivre au-dessus de nos moyens. Actifs naturels et bien-être humain*. 2005, p. 7. Disponível em <http://www.millenniumassessment.org/documents/document.441.aspx.pdf>. Acesso em 20/06/2015.” (WIENKE, 2016, p. 122).

<sup>32</sup> Grifo das autoras.

<sup>33</sup> Grifo das autoras.

<sup>34</sup> Grifo das autoras.

medicinais, **lazer, valores estéticos e valores espirituais.**<sup>35</sup> (WIENKE, 2016, p.123).

Ciente de que os ecossistemas acima citados – bem como seus benefícios – são característicos por fazerem parte de uma rede complexa de fatores que determinam a sua existência, Wienke (2016) compreende ser necessário salientar “[...] que os serviços prestados pela natureza devem ser vistos em sua integralidade, independentemente da raridade/complexidade do sistema objeto de análise.” (WIENKE, 2016, p. 123).

No capítulo 2.2 de sua pesquisa, intitulado: “*O conceito de serviços ambientais no direito brasileiro*”, Wienke (2016) amplia a compreensão sobre os serviços ambientais, de acordo com as discussões ocorridas na área do direito.

De acordo com Wienke (2016), serviços ambientais – como é predominantemente utilizado no direito brasileiro – foi o termo utilizado no Código Florestal (lei 12.651/2012) quando se discutiu a instituição de um programa, por parte do Poder Executivo, de “pagamento ou incentivo a serviços ambientais como retribuição, monetária ou não, às atividades de conservação e melhoria dos ecossistemas e que gerem serviços ambientais” (BRASIL, 2012 apud WIENKE, 2016, p. 129). Além disso, Wienke (2016) coloca que alguns dos serviços ambientais passíveis de serem contemplados em tais programas, seriam:

a) o sequestro, a conservação, a manutenção e o aumento do estoque e a diminuição do fluxo de carbono; b) a conservação da beleza cênica natural; c) a conservação da biodiversidade; d) a conservação das águas e dos serviços hídricos; e) a regulação do clima; f) a valorização cultural e do conhecimento tradicional ecossistêmico; g) a conservação e o melhoramento do solo; h) a manutenção de Áreas de Preservação Permanente, de Reserva Legal e de uso restrito; (WIENKE, 2016, p. 129)

Ainda nesse sentido, Wienke (2016) apresenta que tramitam no Congresso Brasileiro projetos de leis diversos, visando a regulamentação do programa citado anteriormente, que entendem o conceito de serviços ambientais de outras formas. De acordo com o projeto de lei 792 da Câmara dos Deputados, de 2007, compreendem-se

serviços ambientais aqueles que se apresentam como fluxos de matéria, energia e informação de estoque de capital natural, que combinados com serviços do capital construído e humano produzem benefícios aos seres humanos. (BRASIL, 2007 apud. WIENKE, 2016, p. 130).

Nesse sentido, Wienke (2016) coloca que tais serviços são, detalhadamente, descritos pelo projeto em questão, como:

---

<sup>35</sup> Grifo das autoras.

I – os bens produzidos e proporcionados pelos ecossistemas, incluindo alimentos, água, combustíveis, fibras, recursos genéticos, medicinais naturais; II – serviços obtidos da regulação dos processos ecossistêmicos, como a qualidade do ar, regulação do clima, regulação da água, purificação da água, controle de erosão, regulação de enfermidades humanas, controle biológico e mitigação de riscos; III – benefícios não materiais que enriquecem a qualidade de vida, tais como a diversidade cultural, os valores religiosos e espirituais, conhecimento – tradicional e formal, inspirações, valores **estéticos**, relações sociais, sentido de lugar, valor de patrimônio cultural, recreação e ecoturismo; IV – serviços necessários para produzir todos os outros serviços, incluindo a produção primária, a formação do solo, polinização, provisão do habitat e reciclagem de nutrientes (BRASIL, 2007 apud WIENKE, 2016, p. 130).

Wienke (2016) ainda destaca que os serviços ambientais compreendidos pelo Código Florestal e pelos projetos de lei que tramitam no Congresso Brasileiro descritos acima, são “[...] passíveis de verificação e medição.” (WIENKE, 2016, p. 132). Assim, “boa parte dos serviços ambientais estabelecidos pela lei 12.651/2012 e mesmo os previstos nos projetos de lei em tramitação podem ser aferidos cientificamente.” (WIENKE, 2016, p. 132).

Situação diferente é observada em relação aos chamados serviços culturais cuja caracterização depende de elementos não necessariamente materiais. O novo Código Florestal aportou dois exemplos destes serviços: a valorização cultural e o conhecimento tradicional ecossistêmico. (WIENKE, 2016, p. 132).

Nesse sentido, no subcapítulo 2.3.2 da pesquisa: “*Serviços Ambientais Culturais: a incorporação da dimensão imaterial*” Wienke (2016) discorre sobre a amplitude cultural dos serviços ambientais, na medida em que se considera a natureza de seu caráter imaterial.

Os serviços culturais são definidos, segundo a Avaliação dos Ecossistemas para o Milênio, como os benefícios intangíveis obtidos pelo homem, dentre os quais se incluem benefícios estéticos, paisagísticos, de recreação e espirituais. Tomando-se em consideração um conceito mais restrito destes benefícios (tidos apenas como serviços ecossistêmicos), se conclui que os mesmos seriam oriundos dos processos naturais. Neste caso, poder-se-ia supor que o conceito integraria os benefícios advindos da **contemplanção de belas paisagens, dos sons da natureza, ou ainda da degustação dos diferentes sabores dos alimentos**<sup>36</sup>. Em que pese estes constituam benefícios culturais relevantes, o conceito de serviços culturais aqui defendido mostra-se mais amplo. Tal fato é decorrente justamente da amplitude do conceito de meio ambiente apresentado, o qual inclui o homem e suas relações. (WIENKE, 2016, p. 135).

Wienke (2016) descreve que “Parte dos serviços ambientais arrolados pelo artigo 41, I da lei 12.651/2012 refere-se diretamente ao meio ambiente natural, enquanto que outro conjunto dialoga com o ambiente cultural.” (WIENKE, 2016, p. 132). Wienke (2016) classifica os diferentes serviços ambientais observados como tangíveis e intangíveis, e apresenta conceitualmente os serviços intangíveis que menciona o artigo 41, I da lei

---

<sup>36</sup> Grifo das autoras.



12.651/2012, como sendo: a valorização cultural, o conhecimento tradicional ecossistêmico e a conservação da beleza cênica. Destes, nos é importante destacar a valorização cultural e a conservação da beleza cênica como serviços ambientais.

No subcapítulo 2.3.2.1: “*O serviço ambiental ‘valorização cultural’*” Wienke (2016) coloca que a partir da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural de 2001, entende-se Cultura como

[...] o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. (UNESCO, 2002 apud. WIENKE, 2016, p. 139).

Numa ótica diferente, agora de acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003, publicada no Brasil pelo decreto nº 5.753, de 12 de abril de 2006, entende-se como patrimônio cultural imaterial:

as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (art. 2º, 1). (UNESCO, 2003 apud. WIENKE, 2016, p. 136).

Por fim, Wienke (2016) coloca que a valorização cultural como um serviço ambiental: “[...] refere-se, portanto, a todo patrimônio cultural, seja material ou imaterial, de que se beneficia a sociedade. Aqui se incluem as tradições culinárias, músicas e danças, o patrimônio lingüístico, etc.” (WIENKE, 2016, p. 139).

A apresentação da conservação da beleza cênica como um serviço ambiental é feita por Wienke (2016) no subcapítulo 2.3.2.1 da pesquisa: “*A conservação da beleza cênica natural*”, onde o autor coloca que a expressão: Beleza Cênica,

[...] já é observada na lei 9.985/2000, instituidora do Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Nos termos do SNUC, os monumentos naturais constituem espécie de Unidade de Proteção Integral com o objetivo de básico de preservar sítios naturais raros, singulares ou de grande beleza cênica (art. 8º, IV). Diante da subjetividade inerente à caracterização da beleza cênica, a ampla participação das comunidades envolvidas é condição fundamental para sua identificação, fato que é expressamente garantido pelo decreto 4.340/2002, cujo teor regulamenta o SNUC. (BRASIL, 2000 apud. WIENKE, 2016, p. 139-140).

Assim, “[...] beleza cênica refere-se às paisagens naturais de beleza extraordinária, cuja contemplação e interação causam benefícios aos seres humanos (por exemplo, benefícios de ordem espiritual decorrentes da contemplação). (WIENKE, 2016, p. 139). Tais elementos trazidos por Wienke (2016) – sob a ótica do direito – destacam a importância que assumem algumas práticas que se realizam no campo, bem como os bens advindos destas e das singularidades observadas no campo.

\*

Dedicamo-nos agora à dissertação de Bruna Karpinski (2020) – *“Neorrurais Agroecologistas e o Desenvolvimento Rural Sustentável: O Caso das Produtoras e dos Produtores Agroecológicos da RAMA<sup>37</sup>”*, cujos estudos se direcionam no sentido de responder à problemática de pesquisa: “Qual é o perfil socioeconômico dos neorrurais agroecologistas da RAMA e quais são as motivações ambientais, sociais e econômicas que levam à migração urbanorural?”.

Segundo a autora,

Trata-se de um estudo de caso dos produtores e produtoras agroecológicas da Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA) nos municípios de Porto Alegre e Viamão, no Rio Grande do Sul. (KARPINSKI, 2020, p. 17).

A problemática de pesquisa de Karpinski (2020) constitui-se inicialmente tendo como agulhão o contexto histórico em que se insere a urbanização das cidades – que foi influenciada diretamente pelo processo de êxodo rural vivenciado pelo país – e o movimento contemporâneo que se caracteriza pela contraurbanização, onde abandonam-se moradias e empregos na cidade em busca do que é chamado pela autora, embasada nos estudos de Kageyama (2008), como “repovoamento do campo”.

Tal movimento – chamado Neorrural – atribui ao campo adjetivos positivos quando compreende a possibilidade de se ter residências com qualidade, bem como benefícios como repouso, conexão com valores naturais, entre outros, nesse meio. Além disso, sob a ótica do movimento Neorrural compreendem-se novos modos de uso e manuseio da terra. Corroborando com Kageyama (2008), Karpinski (2020) diz então que “[...] esta concepção do rural possibilita a percepção do campo como um ambiente propício para novas atitudes sociais.” (KARPINSKI, 2020, p. 17). Assim, a autora compreende ser

---

<sup>37</sup> Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA).

[...] latente a necessidade de se entender as mudanças e a diversidade da população rural. Os movimentos de redistribuição demográfica, o perfil dos indivíduos e as motivações de cada integrante parecem ser capazes de produzir novas formas de relações rural-urbano que poderão contribuir positivamente para o desenvolvimento rural sustentável. Tal temática tem inspirado discussões pelo mundo afora na atualidade. (KARPINSKI, 2020, p. 18).

Dado esse contexto, Karpinski (2020) percorre o tema dos Neorrurais Agroecologistas e do Desenvolvimento Rural Sustentável, tendo como objetivo geral de pesquisa: “[...] investigar quem são e o que motiva os neorrurais agroecologistas da RAMA na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável.” (KARPINSKI, 2020, p. 20), Para isso, delimitaram-se os seguintes objetivos específicos:

[...] descrever o perfil socioeconômico dos neorrurais agroecologistas da RAMA e das unidades de produção; b) classificar as motivações para a migração urbano-rural na dimensão ambiental, social e econômica; c) analisar as motivações expressas por meio das falas nas entrevistas, de acordo com o referencial teórico sobre o desenvolvimento rural sustentável. (KARPINSKI, 2020, p. 20).

Nos subcapítulos 2.3: “*Desenvolvimento Rural Sustentável, Ser Humano e Natureza*”, 2.4: “*Agroecologia como Alternativa ao Padrão Dominante*”, 2.5: “*Os novos habitantes do campo*” e 2.6: “*Perfil e motivações dos Neorrurais*”, Karpinski (2020) esboça as noções de Agroecologia e de Ética que perpassam a escrita de sua dissertação, na medida em que se dedica a apresentar “[...] as dimensões do desenvolvimento rural sustentável, a relação do homem com a natureza e a agroecologia como alternativa à agricultura hegemônica.” (KARPINSKI, 2020, p. 20).

Tendo em vista os objetivos desta revisão de literatura, direcionamos nosso olhar à tais noções na pesquisa de Karpinski (2020), doravante o seguinte excerto:

As mulheres rurais [...] têm papel fundamental na disseminação e fortalecimento da agroecologia. Segundo estudos, são elas que, muitas vezes, iniciam a conversão da propriedade para sistemas mais sustentáveis por estarem mais preocupadas com questões relacionadas à saúde e à alimentação da família, explica Emma Siliprandi (2015). A autora sublinha, também, a **relação de maior proximidade das mulheres com a natureza**<sup>38</sup>. De acordo com Siliprandi (2015), camponeses e indígenas também são protagonistas deste processo de construção de um novo desenvolvimento rural e de valorização do diálogo de saberes. Isto porque, segundo a autora, o enfoque agroecológico dialoga com todos os movimentos que contribuam para a construção de **estilos de agricultura limpos e ambientalmente corretos**<sup>39</sup>. (KARPINSKI, 2020, p. 36).

---

<sup>38</sup> Grifo das autoras.

<sup>39</sup> Grifo das autoras.

Esse excerto constituinte do referencial teórico de Karpinski (2020), que propõe que “As mulheres rurais [...] têm papel fundamental na disseminação e fortalecimento da agroecologia” compreendendo uma “[...] relação de maior proximidade das mulheres com a natureza” (KARPINSKI, 2020, p. 36), e que cita a agroecologia como parte potente no movimento de constituição de “[...] estilos de agricultura limpos e ambientalmente corretos” (KARPINSKI, 2020, p. 36), se aproxima do que autores como Alberto Feiden, Miguel Altieri, Enrique Leff, Francisco Roberto Caporal e José Antônio Costabeber dizem quando discutem a Agroecologia.

De acordo com o referencial teórico de Karpinski (2020), para Feiden (2005), a Agroecologia “[...] é uma ciência em construção com características transdisciplinares integrando conhecimentos de diversas outras ciências e incorporando, inclusive, o conhecimento tradicional.” (FEIDEN, 2005, p. 54 apud. KARPINSKI, 2020, p. 34).

As compreensões de Altieri (2015) inclinam-se ao entendimento de Agroecologia como “[...] uma alternativa à agricultura industrial e [que] se faz sem o uso de agroquímicos e transgênicos usando princípios que permitem redesenhar agroecossistemas diversificados, produtivos e resilientes” (ALTIERI, 2015, p. 8 apud. KARPINSKI, 2020, p. 34).

Em confluência ao entendimento de Altieri (2015) e de Feiden (2005), Karpinski (2020) traz Leff (2002) que coloca que

[...] a agroecologia surgiu de uma interação entre os produtores, que se rebelam frente à deterioração da natureza e da sociedade, provocada pelo modelo produtivo hegemônico, e os pesquisadores e professores comprometidos com a busca de estratégias sustentáveis de produção. “A agroecologia será o arado para o cultivo de um futuro sustentável e haverá de articular-se a processos de transformação social que permitam passar da resistência à globalização à construção de um novo mundo” (LEFF, 2002, p. 50). (KARPINSKI, 2020, p. 34-35).

Caporal e Costabeber (2000) discorrem sobre a Extensão Rural no Rio Grande do Sul como um importante impulsionador da transição agroecológica, de modo que colocam:

A opção da Extensão Rural do Rio Grande do Sul foi bastante clara no sentido de apoiar o processo de transição agroecológica, por entender que a agricultura é um processo de construção social e que, portanto, são as famílias rurais que devem assumir o papel de sujeitos ativos nos processos de desenvolvimento socioeconômico e cultural de suas comunidades (CAPORAL; COSTABEBER, 2000, p. 18 apud. KARPINSKI, 2020, p. 35).

Nas discussões teóricas trazidas por Karpinski (2020) agora acerca do desenvolvimento sustentável, destacam-se elementos práticos que se assemelham aos objetivos propostos para a Agroecologia pelos autores citados anteriormente – Alberto

Feiden, Miguel Altieri, Enrique Leff, Francisco Roberto Caporal e José Antônio Costabeber. Tais elementos práticos constituintes do que se entende por Agroecologia são abordados por Sachs (2004), que coloca:

O desenvolvimento sustentável obedece ao duplo **imperativo ético**<sup>40</sup> da solidariedade com as gerações presentes e futuras, e exige a explicitação de critérios de sustentabilidades social e ambiental e de viabilidade econômica. Estritamente falando, apenas as soluções que considerem estes três elementos, isto é, que promovam o crescimento econômico com impactos positivos em termos sociais e ambientais, merecem denominação de desenvolvimento. (SACHS, 2004, p. 36 apud. KARPINSKI, 2020, p. 31-32).

Karpinski (2020) faz também duas interessantes referências ao pensamento de Sachs (2004) – a respeito do desenvolvimento sustentável – quando diz: “Conforme Sachs, o crescimento é uma condição necessária, mas não suficiente, menos ainda um objetivo em si, para alcançar a meta de uma **vida melhor e mais feliz**<sup>41</sup> para todos.” (KARPINSKI, 2020, p. 31). E quando aponta:

Neste debate sobre os ecossistemas e as pessoas, em uma perspectiva que considera a preocupação **ética**<sup>42</sup>, Sachs (2002) assinala o respeito pela inviolabilidade da natureza. Segundo o autor, é a **ética**<sup>43</sup> do respeito à diversidade do fluxo da natureza e das culturas que define o desenvolvimento sustentável como **um ideal ético**<sup>44</sup>. (KARPINSKI, 2020, p. 31).

Partindo dessas compreensões sobre Agroecologia e sobre desenvolvimento sustentável, Karpinski (2020) escreve o subcapítulo 2.5 de sua dissertação: “*Os novos habitantes do campo*”, onde se dedica a expor o que entende teoricamente por Movimento Neorural – tema central de sua pesquisa – e assim coloca:

Os neorrurais são pessoas sem origem rural que migraram da cidade para o campo para adotar um estilo de vida agrário ou artesão radicalmente novo. Suas motivações estão ligadas à busca por **um estilo de vida mais simples, autossuficiente, autônomo**,<sup>45</sup> (livre de trabalho assalariado e de relações com o mercado), **próximo à natureza**<sup>46</sup> e ecológico. Elas fazem isso seguindo uma crítica à cultura materialista predominante, práticas agrícolas modernas e a globalização dos sistemas agroalimentares (CALVÁRIO; OTERO, 2016, p. 237 apud. KARPINSKI, 2020, p. 38).

---

<sup>40</sup> Grifo das autoras.

<sup>41</sup> Grifo das autoras.

<sup>42</sup> Grifo das autoras.

<sup>43</sup> Grifo das autoras.

<sup>44</sup> Grifo das autoras.

<sup>45</sup> Grifo das autoras.

<sup>46</sup> Grifo das autoras.

Ainda a partir de Calvário e Otero (2016), Karpinski (2020) apresenta a noção de que os Neorrurais – chamados pelos autores de novos habitantes do campo – ao negarem o capitalismo, engendram “[...] redes de contrapoderes locais que resistem e subvertem a sua hegemonia ideológica” (CALVÁRIO; OTERO, 2016, p. 239 apud. KARPINSKI, 2020, p. 38). Diante de tal noção, Calvário e Otero (2016) explicitam – de acordo com o que traz o referencial teórico de Karpinski (2020) – que não se pode esquecer que o movimento neorrural corresponde a uma fração do sistema agroalimentar e do espaço rural. Dessa forma, “Essa visão nos permite olhar para as experiências e os projetos dos e das neorrurais como formas de construir imaginários de uma sociedade (pós-capitalista) do decrescimento” (CALVÁRIO; OTERO, 2016, p. 239 apud. KARPINSKI, 2020, p. 38-39)”.

Abordando outros aspectos constituintes da noção de Neorrural para sua pesquisa, Karpinski (2020) traz Giuliani (1990) discorrendo sobre

[...] o revigoramento de uma série de valores típicos do velho mundo rural que pareciam estar em vias de extinção, mas que começam a ganhar a adesão de pessoas da cidade. Para o autor, um dos pioneiros em estudar o tema no Brasil, a volta às relações diretas com a natureza, a ciclos produtivos e tempo de trabalho mais longos e menos rígidos, ao ar puro e à tranquilidade, assim como o desejo de relações sociais mais profundas e, sobretudo, da autodeterminação, são os elementos que atraem pessoas da cidade ao campo. Para o sociólogo, o neorruralismo “[...] é uma livre escolha bem precisa e particular”, mas também pode ser “[...] **um movimento de forças sociais que induz os indivíduos a determinadas práticas ou que os coloca diante de determinadas escolhas**”<sup>47</sup>, (GIULIANI, 1990). (KARPINSKI, 2020, p. 39).

Em um estudo que visava entender a realidade dos Neorrurais nos municípios de Nova Friburgo e Teresópolis, na região fluminense do Rio de Janeiro – de acordo Karpinski (2020) – Giuliani (1990) diz compreender que “[...] os Neorrurais brasileiros, em geral, buscavam satisfazer aspirações individuais e não demonstravam interesse em uma **nova moral**”<sup>48</sup> produtiva e associativa. (KARPINSKI, 2020, p. 40).

Yara Vargas (2002) em sua pesquisa – realizada no mesmo local em que Giuliani (1990) empregou seus estudos – compreende o movimento Neorrural do contexto analisado sob uma ótica diferente. Para Vargas (2002), conforme traz Karpinski (2020), o movimento neorrural tem potencial de desenvolver práticas sustentáveis, o que inclui a Agroecologia, e de provocar transformações sobre o campo e sobre o que se entende sobre o campo. Karpinski (2020) complementa citando a autora:

---

<sup>47</sup> Grifo das autoras.

<sup>48</sup> Grifo das autoras.

O neo-rural [sic], na sua relação simbiótica com a natureza, realiza uma proposta de **autogestão emancipatória da vida**<sup>49</sup>. **A liberdade é encarada como a libertação interior, desalienação**<sup>50</sup>. Seu propósito é a **auto-realização** por meio da navegação social harmônica, tornando o **cotidiano prazeroso**<sup>51</sup>. Ao mesmo tempo, atua coletivamente, minimizando as condições adversas do meio (VARGAS, 2002, p. 115-116 apud. KARPINSKI, 2020, p. 42).

O estudo de Méndez Sastoque (2012), trazido por Karpinski (2020), também compreende o Neorrural para além das motivações que visam a integração com a vida local nas comunidades do campo e a mudança de moradia, constituinte de um projeto de vida alternativo. Para o autor, o entendimento do cenário rural como espaço produtivo também constitui esse estilo de vida alternativo que caracteriza o Movimento Neorrural. Dito de outro modo, com inspiração ainda nos estudos de Méndez (2012), Karpinski (2020), coloca:

A agricultura é uma atividade propícia ao “[...] resgate, empoderamento e implementação de ações substantivas (**éticas**<sup>52</sup>, **moral**<sup>53</sup>, **estética**<sup>54</sup> e ambiental) [...]” (MÉNDEZ SASTOQUE, 2012, p. 125) que podem contribuir para gerar novas formas de relacionamento entre homem, natureza e sociedade. (KARPINSKI, 2020, p. 44).

Assim, percorrido o referencial teórico de Karpinski (2020) – de modo a trazer as noções de Agroecologia, Desenvolvimento Sustentável e de Neorrural que compõem as discussões propostas pela pesquisadora – adiante compreendemos ser importante trazer alguns excertos da análise do campo empírico da pesquisa de Karpinski (2020), constituído a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com os agricultores e as agricultoras Neorurais Agroecologistas da Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA), onde a autora dedica um olhar às motivações que levaram tais sujeitos à migração do urbano para o rural, por intermédio de suas falas nas entrevistas. Nas palavras de Karpinski (2020),

Estes fragmentos [das falas dos entrevistados e entrevistadas] dão indícios a respeito do desejo de migrar do urbano para o rural, bem como ressaltam elementos que de alguma forma contribuíram para que esta vontade surgisse. Além destas questões, aparecem depoimentos relacionados a **princípios, valores e modos de vida**<sup>55</sup>. (KARPINSKI, 2020, p. 103).

---

<sup>49</sup> Grifo das autoras.

<sup>50</sup> Grifo das autoras.

<sup>51</sup> Grifo das autoras.

<sup>52</sup> Grifo das autoras.

<sup>53</sup> Grifo das autoras.

<sup>54</sup> Grifo das autoras.

<sup>55</sup> Grifo das autoras.

Mediante às entrevistas realizadas e às falas constituintes delas, Karpinski (2020) compreende que elementos físicos, sensoriais e afetivos atravessam os relatos referentes às questões ambientais que envolvem o Neorrural, de modo que os sujeitos da pesquisa – estes que são agricultoras e agricultores neorrurais agroecologistas – descrevem o lugar que escolheram para viver a partir de “[...] substantivos e adjetivos, como: amor, paixão, privilégio, bonito, lindo, maravilhoso, tesouro, espetacular, paradisíaco e intocável.” (KARPINSKI, 2020, p. 107).

Outra compreensão de Karpinski (2020) sobre as falas dos entrevistados é que são percebidas aproximações entre as suas vidas no campo e a biodiversidade e a conservação, por intermédio de relações harmônicas entre sujeitos, animais e natureza. “A preservação da diversidade, os cuidados com a mata nativa, a água e as mais variadas espécies de animais, são valores que norteiam os neorrurais da RAMA. (KARPINSKI, 2020, p. 108)”. Além disso, a autora coloca que “Os neorrurais da RAMA falam do silêncio proporcionado pelo espaço rural, bem como dos sons da natureza.” (KARPINSKI, 2020, p. 105). Demonstrem isso os seguintes excertos das entrevistas, descritos por Karpinski (2020):

Pra mim, é o paraíso. Eu não me sinto só, eu não dependo de ninguém, eu não preciso ter uma televisão ligada, nada. O silêncio, pra mim, diz tudo, né... **eu fico no silêncio**<sup>56</sup>, eu gosto de ver os pássaros, os bugios tão berrando ali (E16). (KARPINSKI, 2020, p. 105).

Sob uma ótica diferente, descrevendo sua experiência, outro sujeito da pesquisa de Karpinski (2020) diz: “**Tem dias que eu largo tudo e vou pra dentro do mato, me esfregar nas árvores e sentir o cheiro da terra, da água, sabe, da umidade**<sup>57</sup>. Eu acho aquilo, bah (sic), uma coisa impressionante (E12)”. (KARPINSKI, 2020, p. 108).

Karpinski (2020) traz também a visão do entrevistado 10, que inspirando-se no pensamento de Sigmund Freud, coloca:

Eu acho que todas essas coisas que a gente fala "ah bom, viver no Interior é muito melhor, porque o ar é mais puro, a gente enxerga longe"... na verdade isso é uma coisa atávica. O Interior representa o **espaço de ser mais livre, menos oprimido**<sup>58</sup>. Uma tentativa de tu fugir dessa repressão brutal dos nossos aspectos mais instintivos, mais animais. [...] (KARPINSKI, 2020, p. 114).

Karpinski (2020) discorre sobre o excerto acima, destacado por ela em sua dissertação, dizendo o seguinte:

---

<sup>56</sup> Grifo das autoras.

<sup>57</sup> Grifo das autoras.

<sup>58</sup> Grifo das autoras.



Este foi um dos depoimentos mais marcantes e que pareceu sintetizar de forma mais abrangente o sentimento dos participantes desta pesquisa. É uma descrição filosófica da realidade que vai ao encontro do que os demais entrevistados relataram em uma linguagem mais simples. Tal declaração também corrobora o que disse Vargas (2002), ao mencionar a busca por uma proposta de **autogestão emancipatória da vida**<sup>59</sup> que viabiliza uma **libertação interior**<sup>60</sup>. (KARPINSKI, 2020, p. 114).

Assim, mediante a singularidade do movimento que Karpinski (2020) faz de aproximação entre a Agroecologia e o Movimento Neorrural, para poder falar sobre as questões que lhe são caras, nos foram apresentadas palavras como: amor, afetividade, fugir, autogestão emancipatória da vida, ideal ético, ética, demonstrando os modos como estas constituem as discussões teóricas sobre o tema da Agroecologia e do movimento Neorrural, bem como constituem as discussões empíricas de sua dissertação.

\*

Guilherme Duarte Figueiredo de Souza (2021), ao longo dos escritos de sua dissertação de mestrado – intitulada: “*Trajatória de Construção da Agroecologia: Sistemas Agroflorestais, Cooperação e Reciprocidade e Resistência em Vacaria, RS*” – percorreu as discussões teóricas acerca da Agroecologia buscando elementos que respondessem à problemática de pesquisa que interrogava:

Qual a contribuição das relações sociais entre os atores envolvidos na prática agroflorestal para a manutenção deste sistema de produção e de que forma a agência destes atores contribui para a construção da Agroecologia na região? (SOUZA, 2021, p. 22).

Mediante aos anseios de sua problemática de pesquisa, Souza (2021) delineou como objetivo geral de pesquisa:

[...] compreender como os processos de cooperação e reciprocidade entre agricultores envolvidos no sistema de produção agroflorestal se configuram como estratégia de fortalecimento da Agroecologia. Para buscar respondê-los, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos: a) compreender as motivações dos agricultores para a implementação e manutenção de sistemas agroflorestais em suas propriedades; b) identificar e analisar os espaços de fortalecimento da prática agroflorestal nos quais esses agricultores estão inseridos, identificando os principais atores que conformam tais espaços; c) analisar os processos de cooperação e reciprocidade estabelecidos nesses espaços, buscando compreender como de fato eles se configuram como estratégia de construção e fortalecimento da Agroecologia. (SOUZA, 2021, p. 22).

---

<sup>59</sup> Grifo das autoras.

<sup>60</sup> Grifo das autoras.

Consideramos importante salientar que Souza (2021) traz as discussões teóricas acerca da Agroecologia entendendo-a, de antemão, como a antítese do modelo de agricultura hegemônico e predominante no Brasil. Tal entendimento do autor constitui-se partir da sua relação com os sujeitos da pesquisa, de modo que coloca:

Se os agricultores sujeitos do presente estudo mobilizam esforços e energia em suas vidas através da elaboração de estratégias de resistência que tem como base a noção de Agroecologia, refletir sobre o termo contemplando ainda os Sistemas Agroflorestais, prática técnica e modelo de sistema produtivo que pode ser incluído nessa perspectiva e que tem recebido investimentos significativos e atenção dos agricultores que compõem este estudo, é indispensável. (SOUZA, 2021, p. 47).

Nesse sentido, no capítulo 2 de sua dissertação: “*Percurso Teórico Metodológico*”, Souza (2021) se dedica a apresentar os caminhos teóricos e metodológicos percorridos de modo a embasar as análises empregadas sobre o campo empírico constituinte da pesquisa. Segundo o autor, “[...] optou-se por dialogar com alguns conceitos principais que pudessem sustentar as observações de campo fornecendo um conjunto de ferramentas para melhor compreendê-las.” (SOUZA, 2021, p. 36).

Para discorrer sobre Agroecologia, Souza (2021) parte da seguinte colocação:

[...] é de ampla importância o debate sobre qual tipo de conceito se utiliza em cada espaço e surge a necessidade de verificar se há, minimamente, o respaldo de um conjunto de atores sociais, da academia, de organizações não governamentais e de povos e comunidades tradicionais que se identificam efetivamente como propositores e agentes da Agroecologia quando o conceito é empregado. Não havendo um suporte fundamentado do uso de tal termo, existe o risco de seu esvaziamento e, em última instância, sua apropriação. (SOUZA, 2021, p. 48).

Souza (2021) traz o olhar de Simoni (2014), que ao se dedicar a revisão do conceito de Agroecologia sob a ótica de múltiplas interpretações teóricas, compreende que quando se propõem estudos que partem da perspectiva dos atores,

[...] definir Agroecologia exclusivamente a partir de perspectivas teóricas exógenas e restringir-se a elas seria de veras contraditório, uma vez que os atores possuem, naturalmente, pontos de vista próprios e distintos sobre o tema. (SOUZA, 2021, p. 48).

As principais proposições teóricas acerca da Agroecologia que se têm na academia, a partir da década de 1980, conforme traz Souza (2021), podem ser classificadas em duas vertentes. A vertente americana, que se elabora mediante às compreensões de Agroecologia dos autores: Miguel Altieri e Stephen Gliessman. E a vertente europeia, que se constitui perante os entendimentos de Eduardo Sevilla Guzmán e Manuel González de Molina sobre Agroecologia.

A despeito do destaque que tais vertentes têm recebido, existe uma série de autores e autoras que tem fortalecido o debate e a promoção da Agroecologia através de um amplo conjunto de trabalhos como Ana Primavesi, Francisco Roberto Caporal, José Antônio Costabeber, João Carlos Costa Gomes, Luiz Carlos Pinheiro Machado para citar alguns. É válido lembrar ainda que diversos movimentos sociais, ONG's e outros atores da sociedade também possuem formas de perceber e expressar o conceito de Agroecologia através de suas próprias práticas e vivências optando, ocasionalmente, por defini-la segundo suas próprias interpretações. (SOUZA, 2021, p. 48).

Mediante as diversas possibilidades teóricas existentes para se olhar para a Agroecologia, Souza (2021) delimita sobre quais perspectivas se deterá para embasar as discussões que constituirão sua pesquisa. Assim, traz Sevilla Guzmán (2001), que compreende o caráter social constitutivo da Agroecologia, na medida em que a entende como

[...] um campo de estudos que pretende o manejo ecológico dos recursos naturais, para – através de uma ação social coletiva de caráter participativo, de um enfoque holístico e de uma estratégia sistêmica – reconduzir o curso alterado da coevolução social e ecológica, mediante um controle das forças produtivas que estanque seletivamente as formas degradantes e espoliadoras da natureza e da sociedade (SEVILLA GUZMÁN, 2001, p. 15 apud. SOUZA, 2021, p. 51).

Para Sevilla Guzmán (2006), conforme traz Souza (2021), as práticas da Agroecologia devem ser promovidas tendo como base, dentre outras, [...] uma perspectiva de busca por emancipação social e política através de ações que rompam com as estruturas de poder enraizadas nas sociedades atuais (SEVILLA GUZMÁN, 2006 apud. SOUZA, 2021, p. 50).

No que se refere aos aspectos sociais que atravessam o entendimento de Agroecologia, Souza (2021) percorre os escritos de Altieri (2012) nos quais o autor destaca a importância de se empregar “[...] uma maior ênfase no conhecimento, na análise e na interpretação das complexas relações entre pessoas, os cultivos, o solo, a água e os animais (ALTIERI, 2012).” (SOUZA, 2021, p. 50). Tais relações se dão sobre os agroecossistemas, que para Altieri (2012) são “[...] comunidades de plantas e animais interagindo com seu ambiente físico e químico que foi modificado para produzir alimentos, fibras, combustíveis e outros produtos para consumo e utilização humana (ALTIERI, 2012, p. 105 apud. SOUZA, 2021, p. 50).

Souza (2021), compreende que

[...] o fato de que os agroecossistemas devem levar em consideração as relações amplas e complexas também entre as pessoas, reforça a ideia de que uma prática ou estilo de se realizar a agricultura isoladamente não pode ser confundida com a ideia mais complexa da Agroecologia e fortalece um argumento do presente estudo que é a ideia de que a construção da Agroecologia passa, necessariamente, também por um conjunto de relações entre seres humanos. (SOUZA, 2021, p. 51).

Dito de outro modo, a Agroecologia “[...] se dá a partir da reflexão sobre sua unidade de análise básica, os agroecossistemas e é permeada por um conjunto de relações sociais que constituem e conduzem sua prática.” (SOUZA, 2021, p. 52). Num mesmo sentido, Caporal e Costabeber (2015) – conforme traz o referencial teórico de Souza (2021) – compreendem que a Agroecologia

[...] deve atender requisitos sociais, considerar aspectos culturais, preservar recursos ambientais, apoiar a participação política e o empoderamento dos seus atores, além de permitir a obtenção de resultados econômicos favoráveis ao conjunto da sociedade, com uma perspectiva temporal de longo prazo, ou seja, uma agricultura sustentável (CAPORAL; COSTABEBER, 2015, p. 275 apud. SOUZA, 2021, p. 52).

Assim, na relação com o aprofundamento teórico que constitui seu entendimento de Agroecologia, Souza (2021) coloca que com sua pesquisa

[...] busca-se ir além dos aspectos técnicos que comumente são identificados como sendo o cerne da Agroecologia em determinados espaços ou que acabam recebendo maior destaque. Procura-se demonstrar a importância de fenômenos sociais e relacionais como a cooperação e a reciprocidade na construção da Agroecologia. (SOUZA, 2021, p. 49).

Para isso, Souza (2021) direciona suas discussões com maior ênfase em relação às dimensões social e técnica dos processos de construção da Agroecologia. A dimensão social na medida em que a pesquisa propõe a “[...] análise do conjunto de relações estabelecidas entre agricultores de uma associação e de suas trajetórias de vida.” (SOUZA, 2021, p. 54). E a dimensão técnica, “[...] no que se refere aos Sistemas Agroflorestais enquanto sistema de produção estratégico para o avanço na transição agroecológica dos atores sociais sujeitos da investigação.” (SOUZA, 2021, p. 54).

Souza (2021) coloca que na pesquisa que se elabora, entendem-se os Sistemas agroflorestais “[...] como uma das estratégias de resistência ao paradigma agrícola da modernização da agricultura [...]” (SOUZA, 2021, p. 55). Dessa forma, o autor explicita – a partir de Altieri (2012) – que como Sistemas Agroflorestais, entende-se:

[...] um sistema sustentável de manejo do solo e de plantas que procura aumentar a produção de forma contínua, combinando a produção de árvores (incluindo frutíferas e outras) com espécies agrícolas e/ou animais, simultaneamente ou sequencialmente, na mesma área, utilizando práticas de manejo compatíveis com a cultura da população local (ALTIERI, 2012, p. 281 apud. SOUZA, 2021, p. 55).

Na escolha de seus métodos de pesquisa, Souza (2021) decidiu direcionar um olhar aos elementos relacionais e às subjetividades que constituem as realidades sociais, a partir da pesquisa quantitativa, na medida em que se buscava [...] compreender como os processos de

cooperação e reciprocidade entre agricultores envolvidos no sistema de produção agroflorestal se configuram como estratégia de fortalecimento da Agroecologia [...] (SOUZA, 2021, p. 68). Tal objetivo de pesquisa, de acordo com o referencial metodológico do autor,

[...] pressupõe uma abordagem dessa natureza quando se propõe a investigar muito mais as motivações, os significados e elementos intangíveis tais como **ética**<sup>61</sup>, respeito e amizade entre os atores, do que elementos quantificáveis (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 43). (SOUZA, 2021, p. 68).

Outra escolha de Souza (2021), em relação ao método de pesquisa que constituiria sua dissertação, foi a de adotar a pesquisa participante como meio para a obtenção dos dados do campo empírico. Os sujeitos da pesquisa são os agricultores e agricultoras agroflorestais da EcoCampos, uma associação informal de produtores rurais do município de Vacaria/RS. (SOUZA, 2021). “[...] a EcoCampos é um espaço no qual os atores interagem frequentemente como forma de assegurar a idoneidade de suas produções orgânicas, mas também como forma de construir um coletivo, de construir um ‘nós’.” (SOUZA, 2021, p. 118).

Na relação dos dados do campo empírico da pesquisa com o seu referencial teórico, Souza (2021) apresenta algumas questões acerca das características constituintes da Agroecologia, mediante as práticas e dinâmicas do grupo que acompanhou. Destacamos aquelas que atravessam as questões sobre as quais nos dedicamos a buscar em tais escritos constituintes dessa revisão de literatura. Assim, a seguir trazemos alguns excertos que compreendemos como potentes para nos fazer pensar sobre as questões que nos são caras.

O primeiro excerto que destacamos faz parte de uma entrevista realizada com um casal composto por uma agricultora e um agricultor agroflorestal, que apontam a ética ao discorrer sobre suas motivações de viver a Agroecologia. Além disso, tal excerto demonstra, a partir do dizer de outro sujeito da pesquisa, uma das interpretações acerca da Agroecologia que estão para além das discussões teóricas concernentes ao tema, como Souza (2021) apontou anteriormente em seu referencial teórico, a partir dos estudos de Simoni (2014). Dessa forma, segue o excerto:

De maneira geral [...] pode-se afirmar que existe pontualmente um momento da vida dos agricultores em que, além de perceber claramente uma inconsistência entre a vida que gostariam de levar, e a vida que de fato levavam, o casal se vê na obrigação **ética**<sup>62</sup> de agir em direção a um novo sentido. A Agroecologia mostrou-se como o universo que, além de representar simbolicamente seus sonhos e aspirações, ofereceu os meios para alcançá-los. Isso se deu envolvendo os agricultores em um

---

<sup>61</sup> Grifo das autoras.

<sup>62</sup> Grifo das autoras.

contexto de relações entre pessoas que, ao compartilharem um projeto de vida cooperam e, ao cooperar, o tornam possível. As palavras do agricultor a seguir ajudam a ilustrar essa trajetória: “Queria entrar no grupo pra certificar meus morangos, depois que eu entrei minha cabeça mudou”; e também, como complementa o agricultor: “[...] e aí você vê né, a gente não pensa em concorrência né? Quanto mais morango, nós vamos dar jeito de colocar no mercado, picolés...**isso aí é que é a Agroecologia né... não essa carneação que é a agricultura convencional.**”<sup>63</sup> (dados da pesquisa, 2019). (SOUZA, 2021, p. 98).

As relações sociais e de confiança que circunscrevem as associações de agricultores e agricultoras, como coloca Souza (2021), são “[...] um fator que potencializa a agência dos sujeitos [...]” (SOUZA, 2021, p. 117). Destacamos a seguir um excerto de Souza (2021) que elucidada o modo como esse fator é importante no interior do cenário da EcoCampos, a partir da seguinte situação:

[...] um dos indivíduos que se encontrava no período de um ano que precede sua associação efetiva à EcoCampos. Trata-se de um agricultor que não se dedica exclusivamente à agricultura. Ele não podia comparecer às reuniões com a devida frequência e os presentes deveriam deliberar sobre sua continuidade ou não no processo de admissão. Os elementos discutidos foram importantes. O discurso todo gerou em torno do caráter desse agricultor. Esse parece ser o principal elemento para compor o grupo. A palavra foi utilizada diversas vezes “Tem que ser um cara que vale a pena, bem intencionado”; “a gente deu umas sementes de adubação verde, ele foi lá e plantou tudo” (diário de campo, 2019). Assim, para além da prática, existem **características éticas e mesmo subjetivas**<sup>64</sup> que são essenciais para o grupo. Precisamente por se tratar de uma estrutura de reciprocidade de compartilhamento, na qual um **valor ético**<sup>65</sup> é produzido (SABOURIN, 2011), é fundamental que só se incluam nesse espaço indivíduos capazes de garantir que a relação retorne para o grupo, potencializando, cada vez mais, esse valor. (SOUZA, 2021, p. 117).

O terceiro excerto que trazemos faz parte das discussões de Souza (2021) acerca dos processos de certificação orgânica, quando coloca:

Quando os agricultores se recusam a partir para iniciativas de certificação orgânica por auditoria e, ao fazê-lo enfatizam o desejo de participar de um grupo, estão afirmando identificar nos **valores éticos**<sup>66</sup>, subjetivos, na relação de amizade e confiança, as bases da estrutura social que estão buscando conformar para viver seus projetos de vida tal como sonham. (SOUZA, 2021, p. 137).

Em confluência ao entendimento que expressa a citação acima, trazemos o último excerto que destacamos da dissertação de Souza (2021), quando o mesmo coloca:

Quando os atores têm a possibilidade de agir individualmente e obter ganhos que os favoreçam sem despende o tempo e o esforço de participar de um grupo, reuniões,

---

<sup>63</sup> Grifo das autoras.

<sup>64</sup> Grifo das autoras.

<sup>65</sup> Grifo das autoras.

<sup>66</sup> Grifo das autoras.

assembleias, seminários e etc., e ainda assim decidem fazê-lo, sinalizam que há elementos que transcendem as vantagens econômicas racionais da ação individual. Ao atribuir à cooperação e às relações entre si **valores éticos**<sup>67</sup>, a amizade, a confiança e o sentimento de pertencimento, os atores constroem ativamente um nova forma de relação social que tem, em si mesma, um valor humano superior ao valor material que poderia ser atingido de outra forma. Dessa forma, o caso da EcoCampos caminha mais para um esforço pela construção de novos arranjos sociais, ligados a novos mercados e alicerçados em **pressupostos éticos**<sup>68</sup>. (SOUZA, 2021, 152).

Esse excerto situa-se no texto de Souza (2021) mediante um questionamento que perpassa as discussões em torno da Agroecologia, interrogando se esta se apresenta à sociedade como uma possibilidade de transformação, ou “[...] se trata apenas de um modo de fazer diferenciado e ajustado às demandas por produtos ecológicos perfeitamente compatível com um ‘Capitalismo sustentável’” (SOUZA, 2021, p. 152). Compreendendo que para responder tal questionamento precisa-se de uma ampla e complexa discussão, para além das que se empregam em seu estudo, Souza (2021) propõe esta contribuição para se pensar a Agroecologia mediante à tal questionamento, a partir do campo empírico de sua dissertação e de suas compreensões teóricas.

\*

Consideramos importante observar que ao longo das cinco pesquisas sobre as quais se discorreu até então, sendo elas as dissertações de Rosemeri Völz Wille (2020)<sup>69</sup>; e de Marcia Lie Ayukawa (2005)<sup>70</sup>; a tese de doutorado de Felipe Franz Wienke (2016)<sup>71</sup> e as dissertações de Bruna Karpinski (2020)<sup>72</sup> e de Guilherme Duarte Figueiredo de Souza (2021)<sup>73</sup>, nos foram apresentados elementos que demonstram o que se entende por Ética quando se discute sobre Agroecologia, para além das discussões teóricas constituintes das pesquisas. Por isso, percorremos mais demoradamente tais escritos.

Nas pesquisas sobre as quais de discorrerá em seguida, as aproximações entre Ética e Agroecologia são encontradas pontualmente ao longo dos referenciais teóricos das pesquisas.

---

<sup>67</sup> Grifo das autoras.

<sup>68</sup> Grifo das autoras.

<sup>69</sup> Dissertação de mestrado intitulada: “Performances de gênero e ruralidades: Acompanhando uma rede agroecológica de Canguçu – RS.”

<sup>70</sup> Dissertação de mestrado intitulada: “Limites e possibilidades do ensino de agroecologia: um estudo de caso sobre o currículo do curso técnico agrícola da Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul/SC”.

<sup>71</sup> Tese de Doutorado intitulada: “O Pagamento Por Serviços Ambientais Como Instrumento Para a Transição Agroecológica na Agricultura Familiar: Desafios no Cenário Brasileiro”.

<sup>72</sup> Dissertação de mestrado intitulada: “Neorrurais Agroecologistas e o Desenvolvimento Rural Sustentável: O Caso das Produtoras e dos Produtores Agroecológicos da RAMA”.

<sup>73</sup> Dissertação de mestrado intitulada: “Trajetória de Construção da Agroecologia: Sistemas Agroflorestais, Cooperação e Reciprocidade e Resistência em Vacaria, RS.”

Dessa forma, na escrita que se segue dedicamo-nos a percorrer, pontualmente, tais escritos teóricos com vistas às questões que nos impulsionam nesse momento.

\*

Assim, trazemos a tese de doutorado de Milene Ferreira Miletto (2022) – intitulada: “*Agroecologia e a questão da segurança alimentar: contribuições para o ensino de Ciências a partir de uma ilha interdisciplinar de racionalidade em contexto de escola do campo*” – que buscou responder com sua pesquisa a problemática que interrogava:

[...] quais são as possíveis implicações pedagógicas quanto ao ensino de Ciências no Ensino Médio em contexto de escola do campo a partir de trabalho interdisciplinar envolvendo as questões da segurança alimentar e da Agroecologia? (MILETTO, 2022, p. 20).

Num mesmo sentido, o objetivo geral da pesquisa de Miletto (2022) buscava

[...] compreender e discutir as implicações pedagógicas do ensino de Ciências no Ensino Médio em contexto de escola do campo através das perspectivas de professores, de alunos e da pesquisadora, a partir de trabalho interdisciplinar sobre segurança alimentar e Agroecologia. (MILETTO, 2022, p. 21).

Dada a problemática de pesquisa e os objetivos delineados para compor sua tese, Miletto (2022) se utiliza das compreensões de Primavesi, Altieri, Leff, e Gliessman para embasar o entendimento teórico de Agroecologia que perpassa sua pesquisa. Porém, é a partir de Caporal e Costabeber (2002) que Miletto (2022) traz a Ética, ou, dito de outro modo, é a partir de tais autores que Miletto (2022) faz uma aproximação entre Ética e Agroecologia, quando diz:

Conforme apontado por Casado, Molina e Guzmán (2000), pode-se perceber especialmente três dimensões na Agroecologia: a ecológica e técnico agrônoma, a socioeconômica e cultural e a sociopolítica, compreendendo que essas não são se constituem de forma isolada, pois interagem o tempo todo, o que implica numa abordagem inter, multi e transdisciplinar (CAPORAL; COSTABEBER; PAULUS, 2002) diante da diversidade de saberes envolvidos. (MILETTO, 2022, p. 40).

Miletto (2022) demonstra no excerto destacado acima uma descrição de Caporal, Costabeber e Paulus (2000) acerca das dimensões da Agroecologia que elaboram um caráter complexo e multidimensional da Agroecologia, no entendimento de Casado, Molina e Guzmán (2000). Em confluência a esse entendimento – no seguimento de seu referencial teórico – Miletto (2022) traz então, a noção de Caporal e Costabeber (2002) acerca das dimensões de Agroecologia, de modo a fundamentar as discussões que se seguem em sua pesquisa, colocando:



Contribuindo com a compreensão dessa complexidade e multidimensionalidade, Caporal e Costabeber (2002) compreendem o enfoque agroecológico em sua relação com as dimensões da sustentabilidade, propondo que as estratégias orientadas à promoção da agricultura e do desenvolvimento rural sustentáveis devem levar em consideração seis dimensões relacionadas entre si: ecológica, econômica, social (primeiro nível), cultural, política (segundo nível) e **ética**<sup>74</sup> (terceiro nível) [...]. (MILETTO, 2022, p. 41).

Miletto (2022) não descreve quais sentidos são atribuídos por Caporal e Costabeber (2002) à cada uma das dimensões da Agroecologia – sendo elas: ecológica, econômica, social, cultural, política e ética – que constituem seu entendimento. Miletto (2022) também não discorre sobre o modo como situa tais compreensões em sua pesquisa. Além disso, não houveram outras ocorrências da palavra: Ética, numa relação com a Agroecologia, ao longo dos escritos da autora, além da que se apresenta na citação acima.

\*

Na última revisão, discorreremos sobre as discussões propostas por Luciana Fofonka (2006) em sua dissertação de mestrado – intitulada: “*Espaço Agrícola, Ambiente e Agroecologia: Incidência de Moscas-das-Frutas (Diptera, Tephritidae) nos Pomares de Laranja no Município de Caraá, RS.*”. Segundo a autora, seus estudos tiveram como objetivo geral: “[...] contribuir para o controle da mosca-das-frutas nos pomares de laranjeiras do município de Caraá.” (FOFONKA, 2006, p. 22)<sup>75</sup>. Para isso,

[...] o trabalho foi dividido em duas grandes etapas (objetivos específicos). Na primeira etapa realizou-se o (I) diagnóstico da incidência da mosca-das-frutas nos pomares de laranjeiras do município de Caraá através da caracterização da área de estudo, da cultura da laranjeira e da incidência da mosca-das-frutas, demonstrando a espacialização das principais localidades produtoras de laranja. Para a segunda etapa foi elaborado e aplicado, na área de estudo, um (II) Plano de Manejo da mosca-das-frutas baseado nos princípios da Agroecologia. Assim, no presente Plano, foi proposto: (a) o levantamento das moscas-das-frutas com armadilhas, para identificar suas espécies, bem como para verificar as flutuações populacionais das mesmas, estudando as variáveis que poderiam influir no tamanho destas populações; (b) a amostragem de frutos para também identificar as espécies de moscas-das-frutas e/ou seus parasitóides, além de determinar a associação entre as espécies de plantas hospedeiras e as espécies de moscas-das-frutas; (c) a aplicação de práticas de controle. (FOFONKA, 2006, p. 23).

De modo a embasar as escolhas que se seguiriam na pesquisa, Fofonka (2006) cita a Ética em três momentos ao longo das discussões teóricas que percorre acerca do tema da

---

<sup>74</sup> Grifo das autoras.

<sup>75</sup> O problema de pesquisa da dissertação de Fofonka (2006) não é apresentado pela autora.

Agroecologia. A primeira citação que faz da Ética é logo na introdução da pesquisa, quando apresenta a Agroecologia da seguinte forma:

A Agroecologia representa o maior potencial para a almejada sustentabilidade na agricultura. Investiga a razão dos impactos ambientais negativos (PINHEIRO et al., 1985), visa ao uso racional dos recursos naturais de forma socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente sustentável (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - EPAGRI, 2004). Edifica a **ética**<sup>76</sup> e a sustentabilidade. Integra diversos aspectos agronômicos, ecológicos e socioeconômicos (MIKLÓS, 1999). (FOFONKA, 2006, p. 22).

A segunda citação de Fofonka (2006) acerca da Ética, numa relação com a Agroecologia, se dá partir de Lutzenberger (1985), que ao compreender e discutir sobre as relações entre: Ecologia e Agroecologia, diz: “A Agroecologia demonstra como deve ser o nosso relacionamento com a natureza, respeitando a **ética ecológica**<sup>77</sup> que postula a promoção da justiça e da solidariedade (LUTZENBERGER, 1985 apud. FOFONKA, 2006, p. 25).

Ademais, a autora coloca:

Sob o ponto de vista agroecológico algumas premissas devem ser observadas para alcançar melhores patamares de sustentabilidade (CAPORAL & MOREIRA, 2005). [... Dentre elas:] atender a requisitos **éticos**<sup>78</sup> como o compromisso com uma sociedade mais justa, considerando que a busca de sustentabilidade implica uma necessária solidariedade entre as gerações atuais e destas com as futuras gerações. (CAPORAL & MOREIRA, 2005 apud FOFONKA, 2006, p. 26).

Esta é, então, a terceira e última citação de Fofonka (2006) acerca da Ética, que se constitui a partir dos escritos de Caporal & Moreira (2005) – quando estes discutem as premissas que compreendem como necessárias de serem observadas quando se visa, a partir da Agroecologia, conquistar melhores resultados em relação à sustentabilidade.

\*

Percorremos as escritas das dissertações de mestrado e das teses de doutorado escolhidas para compor o campo empírico dessa revisão de literatura, dedicando um olhar demorado, especialmente, aos encontros propostos entre a Ética e a Agroecologia em tais pesquisas, de modo a entendermos os sentidos associados a eles. Dedicamo-nos a esse movimento de percorrer as escritas acadêmicas que abordam sobre a Ética e a Agroecologia, mediante à problemática de pesquisa que caracteriza a singularidade dessa dissertação de mestrado ao direcionar-se no sentido de entender sob quais formas a ética é reatualizada nos

---

<sup>76</sup> Grifo das autoras.

<sup>77</sup> Grifo das autoras.

<sup>78</sup> Grifo das autoras.

discursos da agricultura contemporânea – esta última sendo o modo como escolhemos chamar a Agroecologia, uma das múltiplas formas de agricultura que marcam a contemporaneidade.

Os modos como cada autor e autora organiza sua pesquisa, a escolha de métodos e de referenciais teóricos, os encontros singulares com o campo empírico, a escolha das palavras que melhor dizem sobre seus entendimentos mediante a pesquisa, enfim, os olhares postos sobre os temas aos quais se dedicam, é sempre potente, por isso se faz tão importante esse movimento de dedicação à revisão de literatura, que toma forma também nos limites do olhar das pesquisadoras que a elaboram.

Compreendendo essa revisão de literatura como parte constituinte do Arquivo da dissertação, trazemos as palavras de Aquino & Do Val (2018) acerca do fazer analítico sob a ótica do Arquivo. Para os autores,

A fim de operar nessa chave teórico-metodológica, é necessário enveredar pelo ou além deles em busca de um sentido latente ou perdido, enfim, sem tentar legitimá-los ou os invalidar. Isso porque a peleja analítica não se esgota nos documentos, embora deles não prescindia. Em outra direção, atua-se com o objetivo de mapear a concretude da superfície dos ditos/vistos como enunciados que foram passíveis de registro, mapeando suas conexões estratégicas, suas emergências, suas discontinuidades e seus tempos de duração. (AQUINO & DO VAL, 2018, p. 7-8).

Compreendendo as potencialidades do olhar posto sobre o Arquivo, trazemos agora alguns elementos importantes que marcam os escritos constituintes das revisões realizadas sobre o campo empírico, e que nos possibilitam pensar sobre a problemática de nossa pesquisa:

*“[...] a agroecologia possui princípios que não tangem somente a produção agrícola em um sentido técnico, mas que englobam práticas de modo sistêmico, pensando o social e suas complexidades. Neste trabalho exercito criar um caminho de pensamento onde técnicas e práticas agrícolas não estão desligadas das demais práticas da vida, mas pelo contrário, implicam-se entre si e se coproduzem. Assim passo a pensar a existência de uma ética em produção, um ethos agroecológico.[...]”.*

(WILLE, 2020, p. 56).

*“Nessa perspectiva, ética não se limita à racionalidades morais e comportamentos deliberados, mas está centrada no fazer. É o que se faz e*

*como se posiciona no mundo, a partir de um repertório de ações disponíveis a cada corpo situado, e não somente o que se julga sobre o mundo.” (WILLE, 2020, p. 56).*

*“Dimensão ética: relaciona-se com a solidariedade intra e intergeracional, bem como com as novas responsabilidades dos indivíduos perante o meio ambiente. ‘Sendo assim, a dimensão ética a que nos referimos exige pensar e fazer viável a adoção de novos valores, que não necessariamente serão homogêneos. (...), a dimensão ética da sustentabilidade requer o fortalecimento de princípios e valores que expressem a solidariedade sincrônica (entre as gerações atuais) e a solidariedade diacrônica (entre as atuais e futuras gerações)’ [(CAPORAL & COSTABEBER, 2002, p. 79)]”.*  
(WIENKE, 2016. p. 161).

*“Pra mim, é o paraíso. Eu não me sinto só, eu não dependo de ninguém, eu não preciso ter uma televisão ligada, nada. O silêncio, pra mim, diz tudo, né... eu fico no silêncio, eu gosto de ver os pássaros, os bugios tão berrando ali (E16).” (KARPINSKI, 2020, p. 105).*

*“Tem dias que eu largo tudo e vou pra dentro do mato, me esfregar nas árvores e sentir o cheiro da terra, da água, sabe, da umidade. Eu acho aquilo, bah (sic), uma coisa impressionante (E12)”. (KARPINSKI, 2020, p. 108).*

*“De maneira geral [...] pode-se afirmar que existe pontualmente um momento da vida dos agricultores em que, além de perceber claramente uma inconsistência entre a vida que gostariam de levar, e a vida que de fato levavam, o casal se vê na obrigação ética de agir em direção a um novo sentido. A Agroecologia mostrou-se como o universo que, além de representar simbolicamente seus sonhos e aspirações, ofereceu os meios para alcançá-los. [...] As palavras do agricultor a seguir ajudam a ilustrar essa trajetória: “Querida entrar no grupo pra certificar meus morangos, depois que eu entrei minha cabeça mudou”; e também, como complementa o agricultor: “[...] e aí você vê né, a gente não pensa em concorrência né? Quanto mais morango, nós vamos dar jeito de colocar no mercado, picolés...isso aí é que é a Agroecologia né... não essa carneação que é a agricultura convencional.” (dados da pesquisa, 2019)”. (SOUZA, 2021, p. 98).*

*“[...] um dos indivíduos que se encontrava no período de um ano que precede sua associação efetiva à EcoCampos. Trata-se de um agricultor que não se dedica exclusivamente à agricultura. Ele não podia comparecer às reuniões com a devida frequência e os presentes deveriam deliberar sobre sua continuidade ou não no processo de admissão. Os elementos discutidos foram importantes. O discurso todo gerou em torno do caráter desse agricultor. Esse parece ser o principal elemento para compor o grupo. A palavra foi utilizada diversas vezes “Tem que ser um cara que vale a pena, bem intencionado”; “a gente deu umas sementes de adubação verde, ele foi lá e plantou tudo” (diário de campo, 2019). Assim, para além da prática, existem características éticas e mesmo subjetivas que são essenciais para o grupo. Precisamente por se tratar de uma estrutura de reciprocidade de compartilhamento, na qual um valor ético é produzido (SABOURIN, 2011), é fundamental que só se incluam nesse espaço indivíduos capazes de garantir que a relação retorne para o grupo, potencializando, cada vez mais, esse valor.” (SOUZA, 2021, p. 117).*

Primeiramente, compreendemos que fala-se de Agroecologia a partir de Altieri, Caporal, Costabeber e Feiden. Estes são os autores que recorrentemente aparecem nas pesquisas acadêmicas, quando se pretende trazer subsídios teóricos para embasar as demandas singulares das discussões de cada pesquisa.

Percebida a frequência com que tais referenciais teóricos aparecem nas pesquisas sobre as quais discorreremos, podemos conhecer sobre quais bases teóricas instituem-se as discussões, os direcionamentos e as subjetividades constituintes da Agroecologia, bem como a compreensão de ética que se tem em tais bases e quais as suas intencionalidades ao constituir o discurso da Agroecologia, qual seu tom, de modo geral.

Concernente à ética, destacam-se os imperativos relacionados à vida, a práticas de cuidado, a descrição de rituais de busca por uma constituição ética e estética, que marcam os escritos que buscam descrever/dar sentido ao que é Ética no contexto da Agroecologia.

Como dito, este capítulo constitui parte do Arquivo da pesquisa, e promoveu a possibilidade de entendimento dos sentidos associados aos encontros que se propõe entre Agroecologia e Ética, e nos permite, então, seguir com o labor da dissertação em questão, agora apresentando suas perspectivas e interpretações sobre os mesmos temas.

